



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SÓCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

MULHER MIGRANTE SÃO-TOMENSE E A SUA INSERÇÃO NO MEIO URBANO

Dinasalda Santana de Ceita

Maputo, 2008



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

MULHER MIGRANTE SÃO-TOMENSE E A SUA INSERÇÃO NO MEIO URBANO

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Mestre em População e Desenvolvimento da Universidade
Eduardo Mondlane

Candidata: Dinasalda Santana de Ceita

Orientadora: Dra. Inês Macamo Raimundo

Maputo, 2008

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Dinasalda Santana de Ceita

Maputo, Novembro de 2008

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter guiado os meus passos e me ter orientado a escolher os caminhos certos.

Os meus sinceros e profundos agradecimentos vão ao Professor Doutor Manuel G. M. de Araújo por todo apoio que me tem dado durante toda a minha formação em Moçambique e pela sua orientação. Igualmente, à Profa. Dra Inês Macamo Raimundo pela profunda paciência e orientação intelectual concepção, condução e realização deste trabalho.

Uma referência especial à UNFPA de Moçambique em nome do dr. Baisamo Juaia e à UNFPA de São Tomé e Príncipe em nome da dra. Vitória D´Alva e do dr. Eugério Moniz, pelo apoio concedido e pelo financiamento do mestrado.

Expresso também minha gratidão ao dr. Abel Muiambo pelo encorajamento, e pelas suas valiosas contribuições e sugestões, ao dr. Companhia pela revisão linguística do trabalho, Justino Lima pelo apoio material e logístico prestado na fase da realização de trabalho de campo e a equipa de trabalho de campo em São Tomé nomeadamente, dr. Mé-Chinho, Augusta, Adalberto, Abnilde, Edson e o Adérito, pelo apoio prestado na altura da realização do inquérito. Agradeço também á todas as mulheres de São Tomé e Príncipe que gentilmente acederam ser objecto desta pesquisa.

A todos meus colegas do curso de Mestrado em População e Desenvolvimento do ano 2006/7, em particular Amélia Naftal, Manuel Mapengo Elsa Manuel, Cremildo Abreu, Jeremias Manhiça. Ao dr. Duce e a Mevasse por todo apoio prestado, aos funcionários do ex-CEP, e a todos aqueles que directa ou indirectamente prestaram apoio moral, material, que dum forma ou de outra contribuíram para que a minha formação se tornasse um facto o meu muito obrigada.

Por último agradeço aos meus queridos familiares: avó, pais, tios, irmãos e primos que se encontram em São Tomé e Príncipe que apesar da distância do meu país sempre senti a presença permanente deles.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha avó Suzana Afonso Monteiro e em memória do meu avô Manuel Vaqueiro de Ceita Bonfim.

LISTA DE ABREVIATURAS

AF – Agregado Familiar

CEP – Centro de Estudos de População

DNE – Direcção Nacional de Estatística

II RGPH – Segundo Recenseamento Geral da População e da Habitação

III RGPH – Terceiro Recenseamento Geral da População e da Habitação

INE – Instituto Nacional de Estatística

IOM – Organização Internacional de Migração

ILO – Organização Internacional de Trabalho

GIS – Sistema de Informação Geográfica

MCIT – Ministério de Comércio e Turismo

MPF – Ministério de Plano e Finanças

PNUD – Programa da Nações Unidas para Desenvolvimento

PRE – Programa de reajustamento Estrutural

STP – São Tomé e Príncipe

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UNFPA – Fundo das Nações Unidas para Actividade de População

RESUMO

O estudo da migração interna ocupa um lugar de destaque no campo de análise demográfica pelo papel que as migrações desempenham e desempenharão sobre o crescimento da população de um país. Tendo por isso, um valor incalculável na formulação e execução de programas de planificação económica e social.

A migração constitui à par da fecundidade e mortalidade uma componente demográfica importante, tornando-se, por isso, como um dos mecanismos de redistribuição espacial da população. Por outro lado, reconhece-se que a mobilidade espacial é um agente de mudança social, canal de difusão cultural e de integração nacional.

Este estudo enquadra-se dentro dos requisitos parciais para a obtenção do grau do Mestrado em População e Desenvolvimento pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. E centra-se na análise do fenómeno da migração feminina em São Tomé e Príncipe com particular enfoque das áreas rurais para urbanas. O estudo procura entender os motivos que levaram as mulheres a migrarem das áreas rurais para urbanas, analisar as suas características sócio-demográficas e o papel da mulher na tomada de decisão de migrar.

O estudo foi realizado com base na combinação da pesquisa quantitativa e qualitativa com recurso a aplicação do inquérito e histórias de vida respectivamente das mulheres migrantes nas cidades de São Tomé e Príncipe e apoiada pela revisão bibliográfica.

Os dados analisados confirmam as constatações feitas por Siddique (2004), Adepoju (2002), seguindo as quais hoje em dia, as mulheres migram de forma autónoma e pelas mesmas razões que os homens, em busca de melhores condições de vida. Este fenómeno verifica-se em STP, onde a tomada de decisão para migrar entre as mulheres é fortemente influenciada pelas expectativas que elas têm em relação as oportunidades de desenvolver uma actividade comercial nas cidades, principalmente, o comércio informal, embora exista um peso significativo de mulheres que referiram migrar por casamento, ou seja razões familiares.

O estudo revelou ainda que apesar da proximidade geográfica dentre áreas rurais e urbana, devido a dimensão do próprio país, não implica, necessariamente que as mulheres das áreas rurais se dirijem ás cidades próximas, mas para cidades relativamente mais distantes. O estudo mostra também que o desequilíbrio de desenvolvimento entre os distritos, gerou um fluxo intenso de migração em direcção a cidade capital S.Tomé.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
1.1. Enquadramento	11
1.2. Objectivo geral.....	14
1.3. Relevância do Estudo.....	15
1.4. Metodologia	16
1.4.1 Métodos e técnicas	17
1.4.2 Definição da amostra.....	18
1.4.3 Colheita de dados	19
1.4.4. Análise e interpretação dos dados	20
CAPÍTULO II.....	21
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	21
CAPÍTULO III.....	34
CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ÁREA DE ESTUDO	34
3.1.Caracterização físico geográfica de São Tomé e Príncipe.....	34
3.2. População.....	37
3.2.1. Evolução do crescimento da população de São Tomé e Príncipe	37
3.2.2. Evolução do crescimento da população por distritos (1940-2001).....	39
3.2.3. Evolução da distribuição espacial da população por distrito (1940- 2001).....	41
3.2.4. Distribuição da população segundo o sexo ente 1981 e 2001.....	42
CAPÍTULO IV.....	44
CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DAS MULHERES MIGRANTES NO MEIO URBANO	44
4.1. Período em que migrou.....	44
4.2. Lugar de origem e lugar de destino.....	45
4.3. Estado civil.....	51
4.4. Idade	52
4.5. Educação	54
4.6. Ocupação.....	54
4.7. O agregado familiar da mulher inquirida.....	56
4.7.1 Chefia do agregado familiar.....	56
4.7.2 Composição ou número de pessoas do agregado familiar	56
4.7.3. Energia, combustível para cozinhar, água e tipo de habitação	57
4.7.4. Emprego.....	57

DECISÃO DE MIGRAR, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO.....	58
5.1. Decisão de migrar	58
5.2. Causas de migração.....	61
5.3. Mulher migrante e ligações com as pessoas deixadas no lugar de origem.....	62
5.4. De que modo a migração afectou a vida das mulheres e os agregados familiares?.....	64
5.5. Planos migratórios	65
CAPÍTULO VI.....	69
CONCLUSÃO	69
BIBLIOGRAFIA	71
ANEXOS	75

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

Desde os primórdios da humanidade que os seres humanos migram. Os fluxos migratórios sempre fizeram parte integrante da história da humanidade e estão relacionados com a distribuição espacial da população (UNFPA, 2006).

De acordo com Araújo (1997), nos países em vias de desenvolvimento e na África subsahariana em particular, assiste-se a uma distribuição espacial da população desigual e a um rápido crescimento da população urbana devido, principalmente, à intensa migração campo-cidade. Este Fenómeno tende ultimamente a ser significativamente de carácter feminino (Araújo, 2003)

Adepoju (1991) refere que estes fluxos de migração rural-urbana que se têm verificado dentro dos países da região da África subsahariana devem-se ao significativo desequilíbrio de desenvolvimento entre o campo e a cidade, provocado por factores conjunturais e estruturais.

Ao longo da história, a migração rural-urbana desta região do continente africano foi largamente dominada por indivíduos do sexo masculino, devido principalmente a razões sócio-culturais dentro de um contexto histórico e económico específico. Se por um lado, os homens migravam na qualidade de provedores do sustento familiar e, por isso, à procura de emprego, por outro, foram movidos por circunstâncias de desenvolvimento. No entanto, nos últimos tempos tem-se verificado um número crescente de migrantes da população feminina, sobretudo na situação de migrantes independentes, em que as mulheres migram pelas mesmas razões que os homens, na busca de melhores condições de vida. Neste tipo de migração, as mulheres geralmente mais instruídas, não são apenas acompanhantes dos seus esposos. Trata-se, pois, de um fenómeno tão recente como invulgar no cenário migratório de África (Adepoju, 2004; UNFPA, 2006).

De facto, a migração feminina intensificou-se na década de 1990, como consequência do

impacto sócio-económico dos programas de reajustamentos estruturais (PRE) nos países africanos em especial na educação, saúde e emprego (Adepoju, 1991). Até 2005, dos 17 milhões de migrantes em África, cerca de 47% eram mulheres. E os maiores aumentos da migração feminina ocorreram na região oriental e ocidental do continente (UNFPA, 2006).

Actualmente, muitas mulheres migram em busca de melhores oportunidades laborais. Por motivos de desigualdade, discriminação de género e a pobreza as mulheres se vêm obrigadas a buscar novas estratégias de sobrevivência para si e suas famílias (Péres, 2005).

No caso específico de São Tomé e Príncipe, um país essencialmente agrícola, ao contrário do que se verifica na maioria dos países do continente africano, os homens são os que mais trabalham a terra. Este fenómeno é histórico e data desde o período colonial, em que se recrutava principalmente a mão-de-obra masculina para trabalhar nas roças (plantações) de cacau, café e cana-de-açúcar. Beirão (1995) argumenta que a situação da mulher são-tomense na era colonial estava orientada para o tipo de sociedade de exploração que caracterizava o regime colonialista. A mulher era só educada (refere-se a escolaridade) para o necessário, isto é, possuir 4ª classe, aprender a lavar, passar a roupa e ser boa dona casa (doméstica). Esta mão-de-obra era oriunda, inicialmente de acordo com Tenreiro (s/d) de Benin, da Guiné e do Congo, posteriormente das outras colónias portuguesas da África (Angola, Cabo verde e Moçambique)¹. Por seu turno Nascimento (2000) enfatiza que certas tarefas pareciam reservadas aos homens enquanto outras como a quebra e escolha de cacau eram prescritas às mulheres. Provavelmente, por estas razões, os homens estejam mais concentrados nas áreas rurais.

De acordo com Ceita (2006), muito recentemente (finais da década de 1980), as mulheres passaram a dedicar-se ao comércio informal (70%) nos centros urbanos, o que faz com que nas áreas urbanas, a razão entre o sexo seja menor (95%), ao contrário do que se sucede nas áreas rurais, onde há mais homens que mulheres (103%). Esta tendência de ‘informalização’ da economia e com um relativo crescente aumento da população feminina nela envolvida é

¹ O conjunto destes povos que deram origem ao povoamento de São Tomé e Príncipe (Tenreiro, s/d).

um resultado das tendências da economia global onde o desemprego e o subemprego resultam como consequência directa do fenómeno (vide UNFPA 2006).

Segundo os dados do censo realizado em 2001, o distrito de Água Grande, onde se situa a cidade de São Tomé, capital de São Tomé e Príncipe, funciona como um pólo de atracção, pois cerca de 49% dos seus residentes provêm de outros distritos e a maioria dos imigrantes são originários do distrito de Caué (38%) que é fundamentalmente rural (INESTP, 2002). O mesmo censo mostra que nas áreas urbanas de STP, reside mais de metade da população total (54.5%). Destes, a população feminina constitui a maioria (51,4%).

Contudo, a adaptação ao novo meio nem sempre é fácil. A população feminina migrante são-tomense que se dirige à cidade na expectativa de uma vida melhor encontra uma série de dificuldades como a crise de habitação, emprego e inserção na sociedade o que torna mais penosa a sua adaptação. Este grupo enfrenta problemas de pobreza por falta de emprego, pois devido a baixa ou mesmo ausência de escolaridade não consegue entrar no emprego formal e a falta de emprego generalizado. Sendo assim, recorre às actividades informais particularmente comércio como estratégia de sobrevivência.

O crescimento populacional acelerado nas cidades de São Tomé e Príncipe tem como consequência o crescimento rápido e desordenado das cidades caracterizada pelo rápido aumento da população, sem contudo, ser acompanhado de uma expansão no que se refere às infra-estruturas básicas bem como uma oferta de mercado de trabalho. Sendo a mulher o grupo populacional mais dominante, de baixa ou mesmo sem escolarização e associado à discriminação do género, são estas que mais sofrem problemas de integração na cidade.

As cidades em São Tomé e Príncipe, à semelhança de muitos países em vias de desenvolvimento, apresentam um crescimento urbano devido à combinação de componentes fundamentalmente demográficas nomeadamente, o ritmo de crescimento natural e os movimentos migratórios rural-urbano. Com efeito, este crescimento não tem sido acompanhado por transformações económicas, sociais e de planeamento que visam a melhoria de qualidade de vida urbana.

A estrutura dos centros urbanos de STP é o resultado da arquitectura colonial portuguesa e da desordem urbana como corolário da construção em espaços não planeados. Na sua maioria desenvolveram-se ao longo do litoral. Estes centros caracterizam-se por possuírem uma área central, normalmente denominada por cidade, onde se concentra a maior parte das infra-estruturas urbanas e de prestação de serviços. Por outro lado, é nesta área onde podemos encontrar habitações de cimento, incluindo prédios com uma altura máxima de seis² andares. A medida em que se afasta para o interior encontram-se casas de madeira e zinco à semelhança de construções típicas de bairro de Chamanculo na cidade de Maputo. Estes espaços podem ser denominados por bairros suburbanos e peri-urbanos, os quais apresentam um deficit de infra-estruturas urbanas e inexistência de serviços de salubridade, saneamento e de cuidados de saúde primários. A área de cimento encontra-se ordenada, enquanto que na área de madeira e zinco não existe um traçado claro das ruas.

Face ao exposto, colocam-se as seguintes questões de partida que serviram de orientação da pesquisa: (i) Porquê que as mulheres de São Tomé e Príncipe decidiram migrar e não optaram por não migrar? (ii) Quem tomou a decisão sobre a migração; (iii) Qual é o perfil da mulher migrante no que se refere aos aspectos sócio-demográficos como: idade, estado civil, religião, nível de instrução, lugar de nascimento, ocupação, condições de habitação e chefe dos agregados familiar? (iv) Que mecanismo de ligação existe entre mulheres migrantes e os familiares que ficaram na área de origem?

1.2. Objectivo geral

Analisando o fenómeno de migração ao longo do tempo, nota-se que as mulheres desempenharam um papel secundário no qual eram referenciadas apenas como acompanhantes ou se juntavam aos maridos por razões de reunificação familiar. No entanto, estudos mais recentes evidenciam que as mulheres migram por iniciativa própria e pelas mesmas razões que as dos homens. O presente trabalho tem como objectivo analisar a migração feminina rural-urbana em São Tomé e Príncipe.

Este é uma continuação do trabalho desenvolvido durante a licenciatura em Geografia no

² Este número somente na capital do país, São Tomé.

ano 2005, no qual se pretendia entender a distribuição territorial e migração feminina em São Tomé e Príncipe. Nesse estudo, constatou-se que, no conjunto do espaço urbano de São Tomé e Príncipe reside mais de metade de toda a população feminina são-tomense, sendo o distrito de Água Grande, capital do país a área que detém maior percentagem da população feminina. Uma das principais causas que motiva a migração das mulheres da área rural para urbana é o facto delas dedicarem-se fundamentalmente a actividade comercial para a qual as áreas urbanas oferecem melhores condições. Isso permite que nas áreas urbanas a razão do sexo seja menor, ao contrário do que se sucede nas áreas rurais, onde há mais homens que mulheres. A nova abordagem neste trabalho é a análise da decisão para migrar entre as mulheres são-tomenses.

De forma a alcançar o objectivo geral foram definidos os seguintes objectivos específicos: (i) identificar os motivos que levam as mulheres a migrarem das áreas rurais para urbanas em São Tomé e Príncipe, (ii) identificar as características das mulheres migrantes, (iii) analisar as condições de vida das mulheres migrantes nos lugares de destino, iv) analisar o papel da mulher na tomada de decisão de migrar ou não migrar no contexto do agregado familiar ou da família.

1.3. Relevância do Estudo

O estudo sobre o Perfil da Pobreza realizado em São Tomé e Príncipe em 2001 confirmou o processo de êxodo rural e a conseqüente urbanização acelerada. A população urbana estimada em 44 % da população total em 1992, passou a ser estimada em 54,5 % em 2001. Cerca de 1/3 das famílias são-tomense são chefiadas por mulheres. As famílias com agregados que variam entre 4 a 7 pessoas constituem 57% da população total enquanto que as que possuem agregados maiores (com 8 pessoas ou mais) representam 26,7% do total (MPF, 2002).

O mesmo estudo revelou ainda que a pobreza afecta cerca de 53,8% da população total do país. Neste conjunto, verificou-se que a incidência de pobreza é maior nos agregados familiares (AF) chefiados por mulheres (55.7%), em relação aos chefiados por homens. No que se refere a situação do emprego, a maior parte da população são-tomense encontra-se no

desemprego (68%), sendo que a população feminina constitui a maioria (64.7%) em relação aos homens (MPF, Op cit).

Embora o fenómeno de migração seja remoto, ligado ao estágio do desenvolvimento da humanidade e da distribuição espacial da população, em São Tomé e Príncipe à semelhança de muitos países africanos, pouca ênfase foi dada no sentido de uma compreensão deste fenómeno. Das pesquisas feitas para compreensão do fenómeno migratório em São Tomé e Príncipe, em particular a migração feminina, não se constatou nenhum estudo feito nesta temática. Este facto deve-se, em parte, ao facto de o estudo fenómeno migratório ser complexo, sobretudo no que diz respeito à sua mensuração e análise. Por outro lado a falta de quadros especializados na área pode também ser um factor que concorre de forma decisiva para a escassez de estudos sobre a migração em São Tomé e Príncipe.

Procura-se, com este estudo, contribuir com informação sobre o fenómeno de migração na perspectiva do género, procurando evidenciar que não é só o homem que se envolve na migração, como também as mulheres estão ligadas ao processo, sendo que elas migram e pelas mesmas razões que os homens, em busca de melhores condições de vida, para si e suas famílias, situação fundamental para o desenvolvimento de políticas de migração interna adequadas a realidade local. Por outro lado, pretende-se que este trabalho seja uma contribuição científica à abordagem de migração e género, embora não esgote todos os aspectos referentes ao fenómeno de migração feminina.

1.4. Metodologia

O estudo foi realizado durante o mês de Janeiro do ano 2007 em São Tomé e Príncipe, em todas as capitais distritais do país, nomeadamente nas cidades de S. Tomé, Santana, Trindade, São João dos Angolares, Neves, Guadalupe, com excepção da cidade de Santo António que se localiza na Ilha de Príncipe³. A equipe de colheita de dados foi constituída por seis⁴ indivíduos formados e treinados pela pesquisadora durante cinco dias

³ Devido a restrição financeira não foi possível cobrir a cidade Santo António que se localiza na Ilha de Príncipe

⁴ Incluindo a própria pesquisadora

O estudo foi desenvolvido com recurso à fontes primárias de informação (administração de inquérito e histórias de vida), e fontes secundárias com recurso a literaturas e estudos desenvolvidos nesta área particularmente em África e na América Latina. Por outro lado, o estudo tomou como base dados estatísticos de censos populacionais realizados em São Tomé e Príncipe no período pós-independência, nomeadamente, os censos populacionais de 1981, 1991 e 2001 e inquéritos realizados em São Tomé e Príncipe.

Para a realização deste estudo foi necessária a combinação de métodos qualitativos e quantitativos conforme se apresenta a seguir:

1.4.1 Métodos e técnicas

A *revisão bibliográfica* tem o objectivo de conceber o marco-teórico sobre a migração, particularmente a feminina, e permitiu igualmente a elaboração dos instrumentos de recolha de dados que foram utilizados tais como o inquérito e guião para condução de história de vida

O *trabalho de campo* consistiu na recolha de dados primários do fenómeno em estudo. A recolha foi feita através da *administração do inquérito* (vide o questionário em anexo 2) com objectivo de obter dados quantitativos que permitissem analisar o fenómeno da migração feminina em São Tomé e Príncipe dado o facto de os censos da população não possuírem informações estratificadas por sexo. Pretendia -se ainda com este inquérito obter informação mais detalhada possível para a medição precisa do fenómeno em estudo como características das mulheres migrantes, as causas de migração, condições de habitação, entre outros aspectos relevantes para o estudo. A escolha do método quantitativo deve-se ao facto de que se pretende uma representatividade do fenómeno da população em estudo (Neuman, 1999).

De forma a complementar as lacunas referentes aos valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, foi aplicado o método qualitativo especificamente a técnica de *histórias de vida*. Uma vez que a técnica principal de recolha de informação foi o uso de inquérito, as entrevistas realizadas serviram de complemento no esclarecimento de questões que não

ficaram cobertas a partir da aplicação do inquérito, nomeadamente o impacto sócio-económico da migração, causas da migração, tomada de decisão para migração dentro do agregado familiar e mecanismos de ligação com área de origem. Sendo assim, em função de cidades abrangidas pelo inquérito, foram seleccionadas seis mulheres dentre as inquiridas, que pelas suas experiências migratória contaram as suas histórias de vida. Outra razão para a selecção destas mulheres prende-se com o facto de elas possuírem uma experiência migratória mais antiga.

1.4.2 Definição da amostra

Para este estudo foi definida uma amostra de 382 mulheres migrantes, obedecendo ao princípio defendido por Gerardi & Silva (1981). De acordo com este autor, um inquérito a toda a população seria bastante oneroso uma vez que os custos são elevados, o tempo usado é bastante longo, e envolve também constrangimentos de ordem logística e de recursos humanos.

A escolha do número total de mulheres a responder ao inquérito baseou-se na amostra representativa, que foi desenhada a partir dos dados do censo realizada em 2001. De acordo com o referido censo, o número de mulheres é de 66.484 habitantes. Para tal recorreu-se a tabela de amostras (*simple size*) elaborada por Gerardi e Silva (Op Cit), na qual propõem um tamanho de amostra adequado para um estudo geográfico, tendo em conta, principalmente, o tamanho da população. Segundo os mesmos autores, regra geral, quanto maior o número de indivíduos na população, proporcionalmente menor o número de indivíduos que devem ser seleccionados. Os autores estabelecem uma amostra de 382 pessoas para uma população de 66.484. Para o presente trabalho, estabeleceu-se uma amostra de 382 mulheres migrantes em São Tomé e Príncipe. Com a seguinte distribuição indicada na tabela 1.

Tabela 1.1. Distribuição da amostra por cidades

Cidades	Pop. Feminina	%	Amostra
São Tomé	26,923	40	154
Trindade	17,746	27	102
Santana	6,575	10	38
São João de Angolares	2,633	4	15
Neves	5,177	8	30
Guadalupe	7,430	11	43
Total	66,484	100	382

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do censo, 2001

1.4.3 Colheita de dados

As mulheres foram seleccionadas nos respectivos agregados familiares independentemente do facto de serem chefes de agregados familiares ou não, mães solteiras ou não, casadas, divorciadas/separadas ou viúvas. Com efeito, os inquiridores posicionaram-se nos extremos Norte da cidade em estudo e seleccionaram os agregados familiares com base no número do dia em que se realizou o inquérito. Isto significa, por exemplo que no dia 3, os inquiridores seleccionavam agregados, alternando de 3 em 3 agregados familiares. O percurso dos inquiridores foi em serpentina⁵. Nos casos em que os dias tinham dois algarismos, os inquiridores somaram os dois algarismos. Por exemplo, no dia 23, o inquiridor somou o dois mais o três, que é igual a 5. Sendo assim, teve que saltar de 5 em 5 casas.

O estudo tomou como população alvo a população feminina imigrante, com idade compreendida entre os 18-57⁶ anos, que por diversas razões, decidiu migrar para as cidades facto que implica uma mudança permanente de residência. A escolha dos informantes ao nível dos agregados familiares, foi feita tomando em conta apenas a variável mulher em situação de imigrante

Para recolha de dados sobre as histórias de vida foi usada a técnica “Bola de neve” (*Snowball*

⁵ “Ziguezague”

⁶ Segundo a Lei nº 1/92 de 08 de Maio sobre a Segurança Social, as mulheres passam para reforma com 57 anos e os homens aos 62 anos. E 18 anos é a idade com que a mulher é considerada maior de idade (MPF, 2004).

Sampling). Esta técnica consiste em localizar um ou mais informantes-chaves e a partir destes ir localizando mais informantes que melhor possam fornecer informações para a compreensão da problemática em estudo.

1.4.4. Análise e interpretação dos dados

A *análise e interpretação* dos dados colhidos durante o trabalho de campo foi com base no programa informático SPSS (11.0) que permitiu o armazenamento da informação e a sua posterior análise (produção de tabelas de frequências, cruzamento de variáveis teste de significância, correlação e a elaboração de gráficos). Para as questões resultantes da técnica de história de vida utilizou-se o método de análise de conteúdo.

Foi feita uma *análise espacial* da situação, representando-se no mapa a distribuição espacial do fenómeno em estudo, actualizando-se a base cartográfica de São Tomé e Príncipe. Para tal recorreu-se ao Sistema de Informação Geográfica (SIGs) usando o software Arcview (8.2) para a representação cartográfica do fenómeno em estudo.

Para o presente estudo, considerou-se **mulher** migrante aquela que por diversas razões mudou de residência (de uma área rural para urbana, ou de roça para cidade, de uma vila para cidade e de um distrito para o outro), encontrando-se neste momento a residir num local diferente do seu local de nascimento por mais de seis meses.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

De acordo com Zelinsky (1969), a dimensão temporal e espacial que envolve o fenómeno de migração torna complexa a sua definição exacta como um evento; ou seja, é difícil definir exactamente o fenómeno de migração porque envolve vários factores tais como os psicológicos, sociais, económicos, históricos, políticos, tempo, espaço e distância.

Algumas definições incluem intenções a respeito do carácter permanente ou temporário do movimento, que evidencia o tempo em que um indivíduo deve estar fora do seu local habitual de residência; outras definem a migração, em termos de distâncias mínimas ou cruzamento de uma fronteira política específica ou a mudança de condições ambientais. Por outro lado, alguns movimentos dentro da mesma vila ou cidade têm sido qualificados como migração; mas para outros como Oberai (1987), Todaro (1997), Adepoju (2004), isto não significa migração. Para alguns a migração tem que envolver o cruzamento ou a travessia de pelo menos uma fronteira. Para outros autores ainda, a migração deve envolver a mudança de residência, tal como rural para urbana desde que envolva grandes distâncias (Lucas e Meyer, 1994).

Segundo Oberai (Op Cit), o conceito de migração enquadra essencialmente quatro dimensões cruciais: i) espaço, ii) residência, iii) tempo, e iv) mudança de lugar de actividade. Para o autor, a noção da migração implica o movimento de um lugar para outro, isto é, mudança de área da residência e o movimento que implique uma longa distância.

Outro aspecto que se deve ter em conta na definição de migração é a dimensão temporal, o que implica a duração de tempo em que um indivíduo permanece fora de seu local habitual de residência. A migração envolve a mudança de lugar de actividade, incluindo a mudança de residência. Assim, tendo em conta a complexidade do conceito de migração, não basta incluir apenas os quatro critérios acima mencionados. Algumas definições incluem esses critérios e as razões que levam as pessoas a migrar. Os indivíduos migram por varias razões: emprego,

educação, ou simplesmente como acompanhantes. Em suma em busca de melhores condições de vida e vêem a migração como uma estratégia de sobrevivência e de combate a pobreza.

Oberai (Op cit), a grande heterogeneidade que envolve o processo de migração torna difícil a definição de uma terminologia exacta, principalmente, porque as diferentes formas de movimento combinam diferentes formas de mudança de espaços, tempo, residência, local de actividade e motivação individual.

A migração não pode ser entendida apenas pela análise temporal e espacial da incidência do movimento. O contexto deste movimento também deve ser considerado. Algumas teorias fazem relação entre o processo do movimento populacional com outros processos de transformação principalmente a modernização (Jackson, 1969).

Embora exista uma complexidade de aspectos que dificultam a aplicação de um único modelo de migração, a ocorrência ou observação de certos aspectos regulares como a dimensão espacial e temporal, características sócio-demográficas dos migrantes e os motivos que os levam a migrar, permitiu o desenvolvimento de algumas teorias para explicar o fenómeno de migração.

Jackson (Op cit) refere que o carácter dinâmico da migração pode ser demonstrado por alguns modelos e teorias referentes a sociedades rural e urbana e economias pré-industrial e industrial.

Adepoju (1991) refere que, ao longo dos anos, foram desenvolvidas várias teorias de migração para explicar os seguintes aspectos: (i) porquê a migração acontece; (ii) a direcção do movimento; (iii) motivação para migrar; (iv) diferenças na taxa de migração; (v) facto selectividade na migração; (vi) impacto da migração nos sectores da sociedade.

As tentativas de explicação do fenómeno da migração rural-urbana datam desde 1885, quando Ravenstein propôs pela primeira vez a sua teoria intitulada “as Leis de Migração”. Segundo Rowland (2003), estas leis são vistas como hipóteses publicadas no *Geographical*

Magazine em 1876, e no *the Journal of the Statistical Society* em 1885 e 1889, as quais foram derivadas com base nos resultados sobre tabelas de nascimentos dos Censos de 1871 e 1888, da Grã Bretanha. Estas foram posteriormente fundamentadas nos dados de censos realizados na América do Norte e norte da Europa.

De acordo com esta teoria, a motivação económica tem um papel dominante na migração rural-urbana; os indivíduos migram de áreas ou locais de baixa oportunidade para aquelas com elevada oportunidade. A escolha do local de destino é regulada pela distância, de modo que os migrantes tendem a migrar para lugares próximos. As características dos migrantes estão intrinsecamente relacionadas com a duração, distância, direcção e as razões da migração. Estas leis referem que o fluxo migratório rural-urbano acelera com a expansão do comércio e fornecimento da mão-de-obra para a indústria, caso particular dos países desenvolvidos. Por outro lado, Chant e Brydon (1989) e Araújo (1997) referem que nos países em vias de desenvolvimento, particularmente em países da África Sub-sahariana, tem-se verificado um crescimento acelerado das cidades, como consequência do crescimento demográfico e principalmente devido ao êxodo rural.

As leis básicas de migração desenhadas por Ravenstein desde então foram sistematizadas e adaptadas por muitos investigadores, contextualizando-as principalmente nos seguintes pressupostos: i) importância da motivação económica na tomada de decisão para migrar e ii) a influência negativa da distância (Oberai, 1987).

Neste contexto, em adaptação às leis de migração de Ravenstein, Lee (1966), desenvolveu um modelo em que evidencia as forças exercidas pelos factores de atracção e repulsão (*Push and Pull factors*) na tomada de decisão para migrar. Neste modelo, Lee evidencia os factores “negativos” que obrigam ou que forçam os migrantes a deixar os seus lugares de origem e os factores “positivos” que atraem os migrantes para as áreas de destino, a fim de alcançarem as suas expectativas. As hipóteses de Lee mostram que os factores associados com as condições existentes nas áreas de origem são mais importantes do que os associados aos lugares de destino. Estes factores associados com os locais de destino e de origem são motivados pelos factores pessoais que afectam “a decisão individual de migrar”. No entanto, nem todas as

peças que migram tomam decisão por si própria, tais como crianças que podem ir em companhia dos seus pais e mulheres em companhia dos seus maridos em prol da união familiar (Lee, Op cit).

Assim, Lee analisando o padrão espacial e temporal da migração e todo o processo que envolve este fenómeno, distinguiu quatro factores que determinam a decisão de migrar: (i) os associados ao lugar de origem, (ii) os associados ao lugar de destino, (iii) os obstáculos que intervêm na ligação entre o lugar de origem e de destino, e (iv) a motivação individual.

Por seu turno, Todaro (1969 e 1976), refere que a decisão para migrar inclui a percepção dos indivíduos baseadas nas expectativas para maximizar os seus rendimentos, o que depende da oferta de emprego nas áreas urbanas e da probabilidade de obter emprego no sector formal urbano.

A maior atracção das cidades (*Pull factors*) é a concentração das oportunidades de emprego. No caso do continente africano, as oportunidades de emprego nas áreas urbanas têm crescido significativamente em relação as áreas rurais. As condições de vida são também relativamente melhores nas cidades do que nas áreas rurais. Por outro lado, a significativa alocação dos investimentos para o desenvolvimento e os seus serviços relacionados reforçam o crescimento da atracção que as cidades africanas exercem sobre as áreas rurais. Consequentemente, as cidades africanas tornaram-se centros de concentração da população e pólo de atracção em relação às áreas rurais. (Adepoju, 1991)

A migração, segundo Gugler (1969), tem sido uma das principais componentes da história de África, desde sempre as pessoas migravam a procura de melhores campos para a caça, novas terras para pastoreio ou melhores solos para a actividade agrícola. No tempo da escravatura muitos africanos foram forçados a abandonar as suas áreas de origem, mas o novo padrão introduzido pelo desenvolvimento da economia monetária e abertura de oportunidades de emprego modificou os fluxos de migração. Tal é o caso da demanda pelo trabalho na administração colonial.

Gugler ao analisar a migração rural urbana na África Subsaariana verificou o seguinte: i) o fenómeno de migração tornou-se rapidamente expansivo ao longo desta região e ii) devido a persistência da relação rural-urbana, considera dois aspectos em particular, a) a relação entre os factores económicos e não económicos; b) a distinção entre motivação colectiva e motivação individual. Os factores económicos têm um papel importante na decisão para a migração rural-urbana. Segundo o autor, estes factores são predominantes em relação factores sociais e psicológicos.

Gugler (Op cit) refere que a migração rural-urbana é motivada também pelo balanço das oportunidades económicas. Em termos lógicos, os factores económicos não são apenas condições necessárias para a migração rural urbana. As motivações psicológicas também têm um papel importante na decisão de migrar. O autor sugere que os factores económicos determinam largamente na tomada de decisão de migração rural-urbana na África Subsaariana.

Embora os factores económicos determinem em grande medida o fluxo da migração rural-urbana, os factores sociais e psicológicos são preponderantes na relação (vínculo) entre o urbano e o rural na medida em que os migrantes desenvolvem um contacto permanente ou não com as suas áreas de origem, como por exemplo a visita aos parentes (Gugler, Op cit).

Gugler (Op cit), Oberai (Op cit) defendem que a migração rural-urbana, é selectiva. Isto deve-se a diferentes factores relacionados com locais de origem e de destino, diferentes habilidades para ultrapassar obstáculos e factores psicológicos. As características dos migrantes variam com a idade, sexo, etnia e educação. Para Gugler, geralmente, as mulheres estereis, solteiras, mulheres em união marital instável e mulheres jovens com certo nível de educação, são propensas a migrar para as cidades em busca de melhores condições sócio-económicas.

Muitos estudos sobre a migração têm colocado a mulher numa categoria secundária. Geralmente, as mulheres têm sido tratadas como dependentes ou membros de família. No entanto, muito recentemente passou a evidenciar-se o facto das mulheres serem actoras

independentes da migração do que se pensou no passado (Siddique, 2004).

As relações de poder e o acesso aos recursos segundo Hyndma (1986), citado por Brydon e Chant (1989), determinam quem migra, onde, quando, como e porquê. Os Homens e mulheres têm diferenças no acesso ao poder e recursos segundo níveis de escala, local e global. As diferenças de oportunidades de género determinam o padrão de mobilidade entre homens e mulheres.

Brydon e Chant (Op cit) referem que durante muito tempo o sector formal ou público, na maior parte das cidades africanas, sempre foram revezados aos homens, somente nos anos recente é que as mulheres em cidades africanas têm tido oportunidade de enquadrar-se no sector formal ou informal. Este facto está associado a construção social do género, que consiste na definição de papéis e tarefas específicas para homens e para mulheres, em que os homens, tinham direito ao espaço público e mulheres a espaços privados, ou seja, cuidar da casa e da família, enquanto que o homem como chefe da família é que devia trabalhar e ir em buscar do sustento para a sua família. E, isto em certa medida, durante muito tempo, influência e determinou o padrão da migração entre o homem e mulher.

As mulheres que migram com os seus maridos podem ou não trabalhar nas cidades de destino, mas de acordo com Okojie (1984), citado por Brydon e Chant (Op cit) estas tendem a trabalhar no sector formal, se tiverem um nível de instrução ou contactos com pessoas que facilitem a obtenção de emprego; geralmente as mulheres que migram como acompanhantes dos seus maridos enquadram-se no sector informal, fazendo pequenos negócios, como estratégia de sobrevivência ou para ajudar na renda familiar. Alguns estudos desenvolvidos por (Brydon, 1987) sobre género e migração em África, indicam que as mulheres migram pelas mesmas razões que os homens, principalmente a procura das melhores condições de vida.

Existe uma heterogeneidade de aspectos que envolvem o fenómeno de migração, o que dificulta a aplicação de um modelo único de explicação do processo da migração. A ocorrência de certas características regulares permite ajustar as análises a cada realidade em estudo, em função das várias teorias que explicam a migração rural-urbana. Embora, nas

primeiras teorias de explicação do fenómeno de migração rural-urbana, as mulheres eram analisadas em função de um papel secundário, recentemente o fenómeno da migração feminina é visto como sendo uma parte fundamental de todo o processo.

De acordo com Siddique (2004), nos últimos anos a pesquisa sobre a migração tem sofrido mudanças significativas. A mudança das abordagens tem ocorrido nos seguintes aspectos: (i) o debate sobre a revisão da abordagem tradicional, em que a migração era percebida como um método através do qual as pessoas fazem escolhas racionais para otimizar as suas necessidades económicas; (ii) a teoria de migração evidencia que migrantes de sexo feminino ocupam uma significativa porção do total de migrantes e, por isso, é sem dúvida uma parte essencial que deve ser tomada em consideração para se compreender a relação entre a migração e o desenvolvimento.

Embora não exista ainda um consenso para explicar o fenómeno da migração rural-urbana, em particular feminina, para o presente estudo, tomou-se como base os aspectos de migração desenvolvido por Adepoju (2002) e Siddique (2004) os quais consideram a mulher como fundamental do processo migratório. Os mesmos autores referem que as mulheres tal como os homens migram pelas mesmas razões, em busca de melhores condições de vida para si e para a sua família. Por outro lado, tomou-se como base modelos desenvolvido por Ravenstien (1885), citado por Lee (1969), que tem em conta a duração do movimento, mudança de espaços, factores sócio-económicos associados aos locais de origem e destino e motivação individual.

Neste trabalho, aborda-se a dimensão do género no contexto da migração. Por isso, é importante entender o que é género e as relações de género, e também em que medida é que ambos são analisados ou estudados em trabalhos sobre migração.

O género não é equivalente ao sexo biológico ou as mulheres. O género corresponde à construção sócio-cultural de mulheres e homens. Este processo de construção é ao mesmo tempo reproduzido e transformado, tanto pelas mulheres como pelos homens. Com efeito,

tanto as mulheres como os homens estão envolvidos na construção do género quer pelas suas acções práticas quer pela atribuição de significados e reprodução de normas e valores (Waterhouse et all, 2001).

A mobilidade espacial é inerente ao ser humano. Isto quer dizer que tanto o homem como a mulher migram por diversas razões como, sócio-económicas, políticas e ambientais.

As reflexões teóricas sobre os movimentos migratórios desde o seu início estiveram referenciadas as áreas de origem e de destino, bem como as distâncias percorridas entre dois ou mais pontos no percurso migratório. A medida em que além das trajectórias passa-se a buscar factores explicativos das mesmas surge a noção de factores repulsivos na área de origem e atractivos na área de destino (Araújo, 2001).

Os factores de atracção e de repulsão são percebidos e/ou aproveitados diferentemente pelos indivíduos de acordo com os seus atributos pessoais, sócio-culturais e económicos (Araújo, Op cit)

De acordo com Adepoju (1991), as pesquisas sobre a migração rural-urbana evidenciam a importância do factor económico na motivação de migrar. Os factores de atracção e de repulsão indicam que, nos lugares de origem e de destino existem factores positivos e negativos que interagem simultaneamente para influenciar a decisão de migrar e para onde migrar. Estes aspectos fazem com que se atribua o carácter centro/periferia ao fenómeno da migração. No entanto, os factores sociais e psicológicos também exercem certa influência no processo de tomada de decisão para migrar. As motivações para migrar também estão intrinsecamente relacionadas com a duração e a direcção do movimento.

Araújo (Op cit) refere que geralmente as características de uma população migrante diferem das encontradas nas populações de origem e de destino o que evidencia certos aspectos de selectividade em relação a determinado tipo de migrante. Com efeito, os migrantes são geralmente pessoas com idade de trabalhar. Os outros factores de migração diferencial observados têm sido sexo, instrução e estado civil.

Por seu turno, Adepoju (1991) indica cinco (5) principais características que evidenciam a selectividade das migrações:

- (i) Idade: entre a população de um determinado território, as pessoas com idades entre jovem e adulta são mais propensas a migrar em relação as crianças e velhos.
- (ii) Sexo: considerando certas variações entre comunidades, os homens tendem a migrar mais do que as mulheres particularmente em longas distâncias. Contudo, recentemente as estatísticas indicam que existe uma proporção significativa de migrantes de sexo feminino, representando 47%⁷.
- (iii) Educação: Alto nível de educação aumenta a propensão para migrar.
- (iv) Ocupação: Os trabalhadores do sector terciário tendem a migrar mais do que trabalhadores dos outros sectores, por causa da transferência ou mudança de emprego, enquanto os agricultores tendem a estar mais ligados a terra.
- (v) Rendimento: a relação entre rendimento e migração é complexa, porque por um lado, nos países em desenvolvimento, os dados de rendimento existentes não são fiáveis, por outro lado, o rendimento não é uma medida adequada para medir o tipo de ocupação. Geralmente, as pessoas com nível significativo e rendimento tendem a migrar mais em relação as pessoas que têm rendimento baixo, principalmente em longas distâncias.

A incidência da migração quer de longa quer de curta distância tem aumentado na África Subsaariana devido à diversificação de actividades não agrícolas, incrementadas pelo programa de reajustamento estrutural (IOM, 2005). Por outro lado, segundo a mesma fonte, a migração é uma das estratégias de sobrevivência usadas pelos agregados familiares para complementar o rendimento familiar e em certos casos aumentar a produtividade da agricultura de subsistência através de remessas na compra de insumos agrícolas, como também as remessas são utilizadas para o pagamento das propinas escolares, saúde, pagamento de trabalhadores agrícolas, etc.

⁷ Segundo UNFPA (2006).

De Haan (2000) nota que estudos evidenciam que até a actualidade a migração tem sido dominada por homens. No entanto, um número significativo de mulheres actualmente migra a procura de emprego, e não apenas como acompanhante dos seus esposos. Denominada “migração feminina autónoma”, tem aumentado devido a grande demanda pela mão-de-obra feminina, em certas actividades do sector terciário e indústria, como também devido independência económica e social da mulher.

De facto, as razões de migração feminina são complexas e incluem factores económicos e não económicos. A migração feminina pode ser uma opção para escapar ao controlo social ou à discriminação de género (Pérez, 2005) ou para a reunificação familiar, por motivo de educação, saúde, emprego e melhoria das condições de vida (Todaro, 1997; Adepoju, 2002; Siddique, 2004; IOM, 2005; UNFPA, 2006).

Recentemente, uma proporção significativa de mulheres tem migrado independentemente para satisfazer as suas próprias necessidades económicas. A *feminização* da pobreza contribui bastante para o aumento da migração feminina a procura de uma vaga no mercado de trabalho (formal e informal), como uma estratégia de sobrevivência para assegurar estabilidade e rendimento familiar (Adepoju, 2002).

Os factores que influenciam a decisão para migrar são vários e complexos. Porque a migração é um processo selectivo que afecta os indivíduos em função de factores económicos, sociais, culturais, demográficos e físicos, a influência dos factores económicos e não económicos varia não apenas entre países e regiões, mas também entre áreas geográficas específicas e grupos populacionais (Todaro, 1997).

Em muitas regiões do mundo entre os indivíduos que migram das áreas rurais para as urbanas, as mulheres são predominantes, facto que propicia um novo padrão de migração o que autores como Todaro (Op cit), Araújo, (2003), Adepoju (2004) e Siddique, (2004), IOM (2005) denominam por *feminização da migração* e, por vezes em certas cidades africanas, chegam a constituir o maior efectivo populacional em relação aos homens (Todaro, Op cit).

Tal é o caso particular das áreas urbanas de São Tomé e Príncipe, onde a população feminina (representado 51,4% do total da população) é superior que a masculina,⁸

De facto, a migração rural-urbana contribui significativamente para o rápido crescimento da população e da força de trabalho nas cidades da África subsahariana (Adepoju, 1991; Oucho, 1996 e Araújo, 1997).

Este rápido crescimento da população urbana tem um impacto forte e directo na força de trabalho e na situação de emprego, o que combinado com os níveis de crescimento económico incipiente conduz ao desemprego crescente e à pobreza (Ominde & Ejiogu, 1972).

Segundo Todaro (Op cit), durante muito tempo a migração rural-urbana foi encarada como favorável para o desenvolvimento económico. No entanto, três décadas de experiência africana mostraram claramente que a taxa de migração rural-urbana tem excedido significativamente o ritmo de criação de emprego nas áreas urbanas, o que as torna incapazes de absorver toda a mão-de-obra e providenciar serviços sociais básicos de qualidade à população urbana. Hoje a migração rural-urbana é um dos principais factores que exacerbam o desemprego urbano.

Sidique (2004), refere que as migrantes do sexo feminino enfrentam muitos desafios nos diferentes estágios no processo de migração. Esses desafios estão relacionados com a inserção social na área de destino, a obtenção de um emprego formal e fonte de rendimento que garanta a sua subsistência e a da sua família (Adepoju, 2002; Siddique, 2004). Assim, muitas mulheres migrantes, encontram a sua fonte de rendimento no sector informal, fazendo pequenos negócios, trabalhos domésticos e, outras praticam a prostituição.

Por seu turno, Todaro (Op cit) e ILO (2003), evidenciam que, um número crescente de mulheres solteiras migra para as áreas urbanas a procura de melhores oportunidades

⁸ Segundo o censo de 2001.

económicas mas, poucas são capazes de encontrar um emprego no sector formal. Como consequência, estas encontram emprego no sector informal, ganhando salários baixos num emprego instável sem benefício de segurança social e de trabalho. Muitas mulheres migrantes encontram a sua subsistência em pequenos negócios que requerem pouco ou nenhum capital inicial, e geralmente envolve a comercialização de produtos alimentares caseiros e de artesanato.

Por outro lado, o aumento do número de mulheres migrantes solteiras também tem contribuído para o aumento de proporção de agregados familiares chefiados por mulheres que tendem a ser mais pobres em relação aos agregados familiares chefiados por homens e enfrentam várias limitações e altas taxas de fecundidade (Todaro, Op cit)

Ainda de acordo com o autor acima referido, esta mudança de composição do fluxo de migração traz importantes implicações demográficas e económicas para muitas áreas urbanas dos países em desenvolvimento, porque parte significativa dos agregados familiares chefiados por mulheres geralmente tem baixo rendimento, obtêm a sua subsistência a partir do sector informal, têm maior número de dependentes, têm maior probabilidade de serem pobres e mal nutridos e com menos probabilidade de obterem educação formal, cuidados de saúde, água potável e habitação condigna.

De acordo com Oberai (1987), ao longo do tempo a literatura sobre as consequências da migração a nível individual, faz uma abordagem pessimista em relação as oportunidades, dos migrantes nos lugares de chegada. Esta refere-se as dificuldades de adaptação ao ambiente e cultura urbana, desvantagens económicas, em comparação com a população local, dificuldade em encontrar emprego formal geralmente emprego de boa qualidade.

Porém, alguns estudos recentes efectuados por Siddique (2004), Raimundo (2006), Bilale (2007) evidenciam que os migrantes têm sido capazes de aumentar o seu bem-estar como resultado da migração e ajustar-se facilmente as dificuldades e ao desemprego urbano. No que respeita às, cidades De Haan (2000) argumenta que os benefícios económicos são maiores do que se tivessem permanecido nas áreas rurais.

Por outro lado, os migrantes, além de aumentarem o seu bem-estar no local de destino, enviam remessas em forma de alimentos ou dinheiro para as suas famílias no lugar de origem. Esta remessa tem sido fundamental para a subsistência dos seus agregados familiares, e também para efectuar poupanças e por vezes, o investimento (IOM, 2005).

Portanto, as relações de poder e as diferenças de oportunidade entre o género, determinaram o padrão de migração entre os homens e mulheres em África. Este padrão que era dominado maioritariamente por homens, estão sendo feminizados numa situação em que as mulheres por diversas razões abandonam as suas áreas de origem, em busca de melhores condições de vida para satisfazer as suas próprias necessidades económicas e as das suas famílias. Dentre as causas da migração feminina em África, a UNFPA apresentou no seu relatório de 2006, a pobreza generalizada, as doenças, a degradação dos solos e as elevadas taxas de desemprego masculino as quais têm contribuído para um aumento sustentado do número de mulheres migrantes. O mais significativo é a evidência de que algumas mulheres migrantes são autónomas que migram independentemente, por vezes a grande distância a fim de melhorar as suas necessidades económicas do que simplesmente se juntar ao marido ou a outro membro da família (Adepoju, 2002).

CAPÍTULO III

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ÁREA DE ESTUDO

Neste capítulo faz-se uma breve descrição físico-geográfico e sócio-demográfica de São Tomé e Príncipe

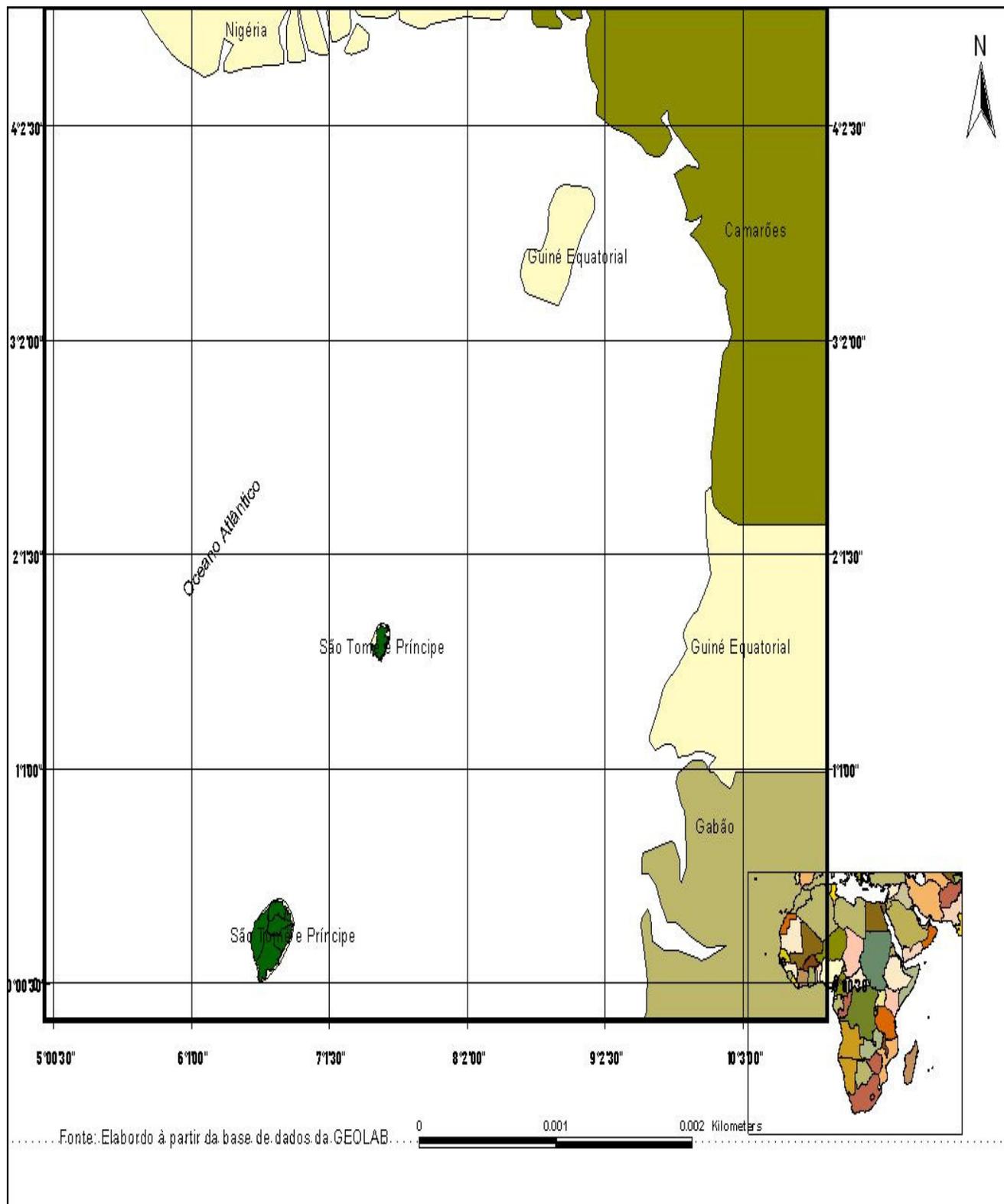
3.1. Caracterização físico geográfico de São Tomé e Príncipe

De origem vulcânica, o arquipélago de São Tomé e Príncipe é formado pelas ilhas de São Tomé e do Príncipe e 8 ilhéus⁹. A distância que as separa é de 152km. O arquipélago situa-se no Golfo da Guiné a cerca de 300Km da costa ocidental do continente africano, sendo, na sua extremidade sul, atravessado pela linha do Equador. Com uma superfície total de 1.001km², apenas 550 km², isto é, 55% do território nacional é utilizável (MPF, 2001).

A ilha de S.Tomé tem uma superfície de 864 km² (86,3% do território nacional) e estende-se em cerca de 47 km no sentido S-N e em 24 km no sentido E-W. A ilha do Príncipe situa-se a norte da de São Tomé e tem uma superfície de 134 km² (13,4% do território nacional), com uma extensão N-S de 19km e 15 km E-W (vide mapa 1 em anexo 3). Os ilhéus ocupam uma área total de apenas 3 km² (0,3% da superfície do país). Destes, o único habitado é o ilhéu das Rolas (também conhecido por Gago Coutinho), que constitui o extremo sul do país e por onde passa a linha imaginária do Equador (Gallet, 2001).

⁹ Ilhéus: Santana, Bombom, das Rolas, Sete Cabras, S. Miguel, Gabado, Boné de Joker, Pedras Tinhosas

Mapa 1. de localização de São Tomé e Príncipe



As ilhas de São Tomé e do Príncipe apresentam um relevo extremamente vigoroso que, de acordo com o geógrafo são-tomense Francisco Tenreiro (1956), possui as seguintes formas:

1)) Cadeias de montanha: de direcção predominante norte- sul nordeste- sudeste, terminando em forma aguda. Esses são os picos¹⁰ (7). O pico de S. Tomé possui 2024m, e uma dezena de picos secundários, na mesma ilha, atingindo os 1000m de altitude. O pico do Príncipe, menos elevado, culmina à 940m (mas a ilha é também rica em formas, mais cobertas ainda de vegetação, cheias de profundo mistério). As cadeias são entalhadas por valas ao declive acentuado, onde os rios escoam impetuosamente. Dentre os rios que correm para o este e nordeste formaram-se cascatas que passam em baixo de lava e são conhecidos localmente por “ pontes que Deus fez”.

2) Os morros são cones vulcânicos constituídos por blocos de lava. Alguns possuem crateras de formação mais recente e são encontrados nos arredores das cadeias montanhosas. Alguns morros atingem algumas dezenas ou centenas de metros e nas crateras formam-se lagoa, como o caso da Lagoa Amélia que possui 1492m.

3) Pão de açúcar de forma doce e torres rochosas, parecem dedos de gigantes apontados para o firmamento. Os primeiros são mais abundantes, encontram-se exclusivamente no sul e no centro da ilha. São formas características, ligadas às condições climáticas das regiões quentes e húmidas e á natureza da rocha. Dentro das torres de rochas, de lava resultantes da erosão, encontram-se as mais famosas como o Cão Grande com altitude de 663m e Cão Pequeno com 390m de altitude.

4) Praias e terraços. Encontram-se em todo o litoral norte e nordeste da ilha de São Tomé até ás praias Pombas. As praias, segundo o autor supracitado, testemunham os movimentos do nível da base da ilha podendo-se, em alguns casos, encontrar praias cobertas de grandes cascalhos conhecidas por cascatas de lavas.

5) Grotas basálticas, observáveis sobretudo nas costas sudeste e sul.

Ainda sobre o assunto Gallet (Op cit) refere que muitas das fases eruptivas sucederam-se, do Cretácico superior ao período recente: As ilhas não se formaram duma só vez. A plataforma sobre a qual se eleva São Tomé é fortemente inclinada na direcção nordeste/sudeste. Ela tem 4000m de profundidade sobre a costa ocidental, e mais de 3000m na costa oriental.

¹⁰ Ana chaves, Cabumbé, Charuto, Cão-Grande, Lembá, Morro de dentro, Papagaio.

Quanto ao clima, a sua posição geográfica faz com que o arquipélago tenha um clima Equatorial, quente e húmido, com chuvas frequentes entre os meses de Setembro e Maio sendo que os restantes meses são de relativa secura. Este período de relativa secura é denominado de *gravana*¹¹ A temperatura média é de 25°C, variando entre os 21 e 31°C.

De acordo com MCIT (2003), devido as suas condições naturais, as ilhas constituem um autêntico “paraíso” botânico. A flora e fauna da ilha são notáveis pelo seu alto grau de endemismo. Muitas das cercas de 700 espécies de plantas são originárias da América, Europa e até do Oriente e destas, 171 são espécies endémicas (MPF, 2004). Entre elas, existe uma begónia gigante, que pode atingir três metros de altura, e numerosas variedades de orquídeas. Existem ainda, 55 espécies de aves, 30% das quais endémicas. Em 1998, entre 75 florestas de África MCIT (2003), a floresta são-tomense estava na segunda posição devido ao seu interesse biológico.

3.2. População

De acordo com os resultados do último censo da população realizado em 2001, São Tomé e Príncipe tem 137.599 habitantes, sendo 68.236 (49,6%), homens e 69.363 (50,4%), mulheres. A taxa de crescimento média anual inter-censitária (1991-2001) é de 1,6%.

A densidade populacional é de cerca de 137.5 hab/Km². No distrito de Água Grande é onde se encontra a maior parte da população são-tomense, 51 886 (37.7%), numa área de 16.5 Km² (INE, 2002).

3.2.1. Evolução do crescimento da população de São Tomé e Príncipe

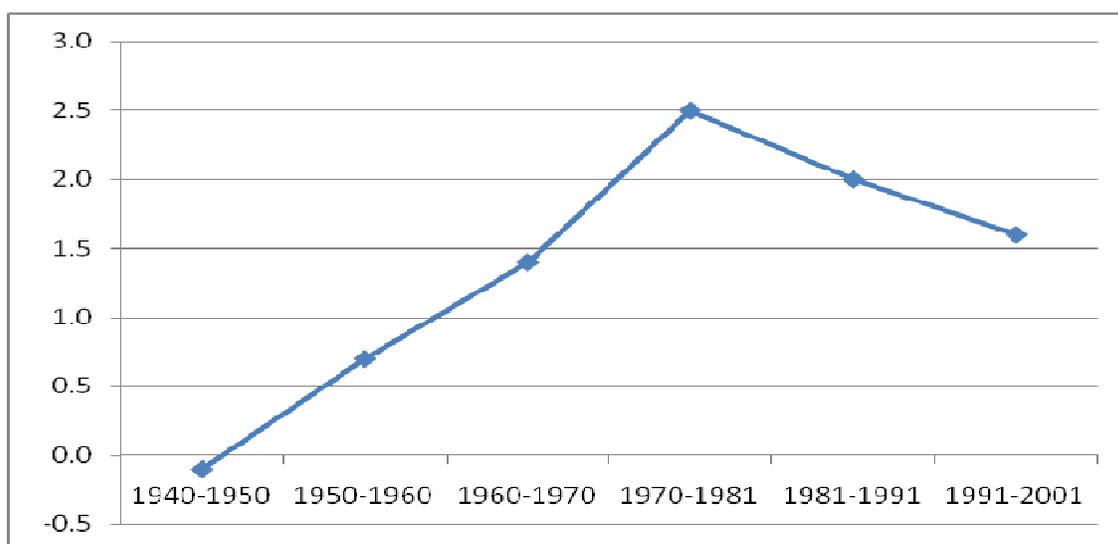
Neste capítulo, apresenta-se a evolução da população desde 1940 a 2001, anos em que se encontram disponíveis os dados gerais da população. Esta análise permitirá ilustrar o panorama geral da evolução da população de São Tomé e Príncipe, desde a era colonial até ao censo de 2001.

Conforme ilustra o gráfico (1) entre 1940 e 1950, a taxa de crescimento da população de S. Tomé era negativa, com o valor (- 0,1%). Segundo Nascimento (2000) o crescimento natural

¹¹ Termo típico de São Tomé e Príncipe que significa estação seca.

é negativo devido a baixa fecundidade e a fraca presença de mulheres nas ilhas neste período. A partir dos anos 50 as ilhas apresentam um crescimento positivo contínuo até 1981. Este crescimento positivo, explica-se provavelmente por duas hipóteses: a) aumento da fecundidade devido a entrada de mulheres, pois coincide com o período pós-independência e; b) o retorno dos migrantes da diáspora incluindo as mulheres. O pico mais alto do crescimento foi registado em 1981. Entretanto, no mesmo ano começa a observar-se um declínio. Para explicar este declínio, levanta-se como hipótese o impacto da política de planeamento familiar que se reflecte na redução e espaçamento dos nascimentos.

Gráfico 1. Evolução de Taxa de crescimento da população de São Tomé (1940-2001)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos Censos de 1991 e 2001

Considerando, os dados disponíveis sobre a população no período de referência, foi possível observar que o crescimento de população de São Tomé e Príncipe tem sido bastante lento, ao longo do tempo. A razão deste crescimento lento pode ser explicada pelas seguintes causas:

1. Diminuição dos índices de mortalidade infantil (no ano 1940 era de 221,7 por mil, e em 2001 passou para 54, 2 por mil¹²) decorrentes da melhoria das condições sanitárias nomeadamente assistência pré-natal, materno-infantil e saúde preventiva. De acordo com o UNICEF (2000), o declínio da mortalidade é atribuída pelo melhoramento das condições básicas de saúde, maior taxa de cobertura nas

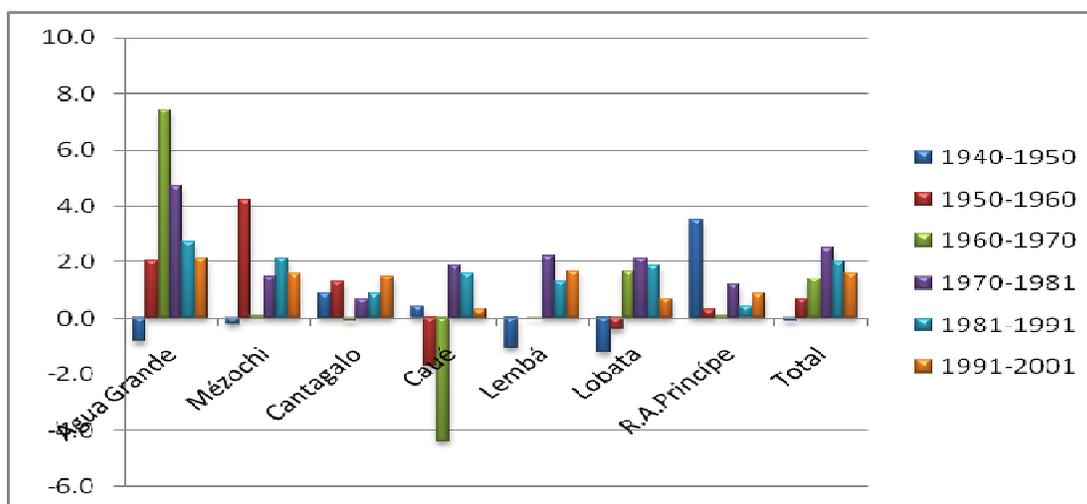
¹² INE, 2002

- vacinações em mais de 80%.
2. Impacto do planeamento familiar
 3. Emigração demonstrada por um saldo migratório negativo (-705 em 1991¹³) como resultado de mais saídas do que entradas.

3.2.2. Evolução do crescimento da população por distritos (1940-2001)

Circunscrevendo a análise até ao nível distrital, através do gráfico 2, pode-se constatar que nos anos 40, na maior parte dos distritos, com excepção dos distritos de Cantagalo, Caué e Região Autónoma do Príncipe, registou-se uma taxa de crescimento populacional negativa, sendo a cifra mais baixa (-1.2%), registada no distrito de Lobata. Nesse período, a taxa de crescimento populacional mais alta (3.5%), ocorreu na Região Autónoma do Príncipe. Provavelmente isso deve-se entre outros factores, ao facto de, de que na era colonial a ilha do Príncipe já ter sido a capital do país.

Gráfico 2. Evolução de crescimento populacional por distrito (1940-2001)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos Censos de 1991 e 2001

Em termos gerais, pode-se verificar que dos anos 50 aos anos 60, a tendência do crescimento populacional nos distritos de Água Grande, Mé-zochi, Cantagalo, Lembá e Lobata, foi

¹³ INE, 2002

crescente. Importa salientar que, neste mesmo período, o crescimento mais acentuado ocorreu no distrito de Mé-zochi, na ordem de 4%, provavelmente por motivos de uma acentuada imigração de pessoas que eram trazidas de outras colónias para trabalharem nas roças. No distrito de Lobata e Caué, o crescimento foi negativo. Importa referir que nos distritos de Caué e na Região Autónoma de Príncipe, houve uma redução do crescimento populacional, bastante acentuado nesta última região, decrescendo de 3.5 nos anos 40 para 0.3 nos anos 50, que provavelmente deve estar associado a política de reajustamento colonial que vigorava na altura. Nascimento (Op. Cit) diz que reajustamento colonial é todo o sistema ligado a reclassificação territorial ocorrida naquela altura.

Nos anos 60, constata-se que o distrito de Água Grande registou o pico de crescimento populacional que se situou em 7.4%, representando um crescimento na ordem de 5.3% apenas dos anos 50.

Analisando o comportamento das taxas de crescimento populacional em igual período, verifica-se, que houve uma redução de crescimento populacional nos distritos de Mé-zochi, Cantagalo, Caué e na Região Autónoma de Príncipe.

Em termos gerais, pode-se observar que do período 1960-1970 até o período 1991- 2001 data do último censo, o distrito de Água Grande apresenta uma tendência gradual de redução do crescimento populacional. Provavelmente, isso deve-se às políticas de controle da natalidade, que tiveram maior impacto na capital, devido ao elevado nível de educação da população (taxa de alfabetização 73%) e emigração de pessoas adultas/jovens para o estrangeiro, por motivos de estudo, trabalho, etc. Por outro lado, embora a ritmo bastante lento, o distrito de Cantagalo, no igual período, registou um crescimento populacional gradual, atingindo o pico da sua história no período de 1991/2001, na ordem de 1.5%. Isso deve-se, provavelmente, a imigração de pessoas provenientes de Caué¹⁴. (Vide gráfico 2).

¹⁴Contrariamente aos outros distritos, a emigração de Caué para Água Grande é feita por etapas, passando por Cantagalo (Pesquisa de campo, Janeiro/2007)

3.2.3. *Evolução da distribuição espacial da população por distrito (1940- 2001)*

Analisando a tabela 2, pode-se observar que ao longo dos anos o crescimento demográfico de São Tomé não foi homogéneo em todas as regiões e distritos do país, o que se reflecte na desigual distribuição espacial da população.

Tabela 2. Evolução da distribuição espacial da população por distrito (1940- 2001)

Distritos/ Regiões	1940		1950		1960		1970		1981		1991		2001	
	Pop.	%	Pop.	%	Pop.	%								
Água Grande	8431	13.9	7821	13.0	9586	14.9	19636	26.6	32375	33.5	42331	36.0	51886	37.7
Mézochi	18422	30.4	18056	30.0	20374	31.7	20550	27.1	24258	25.1	29758	25.3	35105	25.5
Cantagalo	7854	12.9	8568	14.2	9758	15.2	9697	13.1	10435	10.8	11433	9.7	13258	9.6
Caué	6675	11.0	6942	11.0	5874	9.1	3757	5.1	4607	4.8	5322	4.5	5501	3.9
Lembá	6885	11.4	6192	10.3	6196	9.7	6206	8.4	7905	8.2	9016	7.7	10696	7.7
Lobata	9240	15.2	8190	13.6	7875	12.3	9361	12.7	11776	12.2	14173	12.1	15187	11.0
R.A.Príncipe	3124	5.2	4402	7.3	4544	7.1	4593	6.2	5255	5.4	5471	4.7	5966	4.3
Total	60631	100	60175	100	64.07	100	73800	100	96611	100	117504	100	137599	100

Fonte: INE, 2001

Pode-se constatar a partir da tabela 2, que entre o período de 1940-1970, a maior parte da população concentrava-se no distrito de Mé-Zóchi. Porém, a partir de 1981, a maior parte da população passa a concentrar-se no distrito de Água Grande, passando, desde então a aumentar gradualmente nos períodos subsequentes, até concentrar cerca de 38% da população total do país, em 2001. As razões das grandes concentrações populacionais no distrito Mé-Zóchi explicam-se como hipótese o facto deste ser o lugar onde se concentravam as grandes roças (plantação). O distrito de Água Grande passou a ter de grandes concentração devido a imigração como resultado do abandono das roças e falta de emprego nas áreas rurais.

Por outro lado, no distrito de Caué, tem-se verificado uma diminuição gradual do número de habitantes ao longo do tempo em análise. Em 1940, possuía 11% da população são-tomense, porém, em 2001, este distrito concentrava apenas 4% de toda a população do país. Em parte, este facto deve-se ao fraco ou mesmo nenhum desenvolvimento económico e social verificado no distrito, o que lhe tornou num distrito mais repulsivo do país. Os restantes

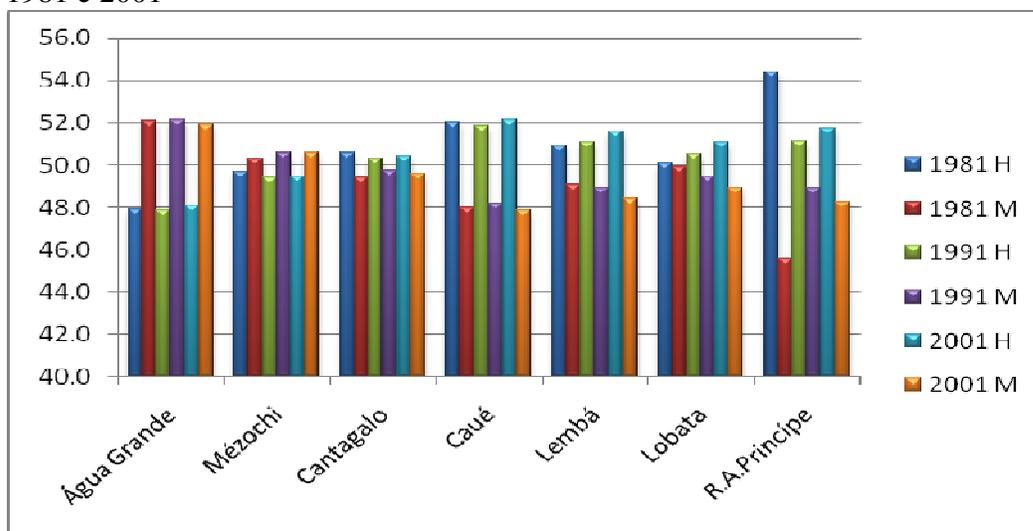
distritos conheceram também uma diminuição da proporção da sua população ao longo do tempo. A diminuição da população desses distritos deve-se ao fluxo migratório destes distritos em direcção à capital do país S. Tomé, distrito de Água Grande (MPF, 2004).

3.2.4. Distribuição da população segundo o sexo ente 1981 e 2001

A análise que a seguir se apresenta visa mostrar a evolução da população de São Tomé e Príncipe por sexo e por distritos entre os períodos inter-censais (1981, 1991 e 2001).

No que se refere a evolução da distribuição espacial da população são-tomense segundo sexo e distritos (vide gráfico 3.3), entre os períodos inter-censais, em análise (1981, 1991, e 2001), pode-se verificar que no distrito de Água Grande (onde se localiza a capital do país a cidade de S.Tomé), é o distrito mais urbanizado, o principal centro político, administrativo, económico e cultural com maior atracção da população, alberga mais de metade (cerca 52% durante todos os anos em análise) da população feminina seguido do distrito de Mé-zochi onde se localiza a segunda cidade do país. Por outro lado o distrito de Caué que é quase todo rural é onde se concentra a maior parte (cerca de 52%) da população masculina para os períodos em análise (vide gráfico 3).

Gráfico 3. Evolução da distribuição espacial da população segundo sexo e por distritos entre 1981 e 2001



Fonte: INE, 1996 e 2002

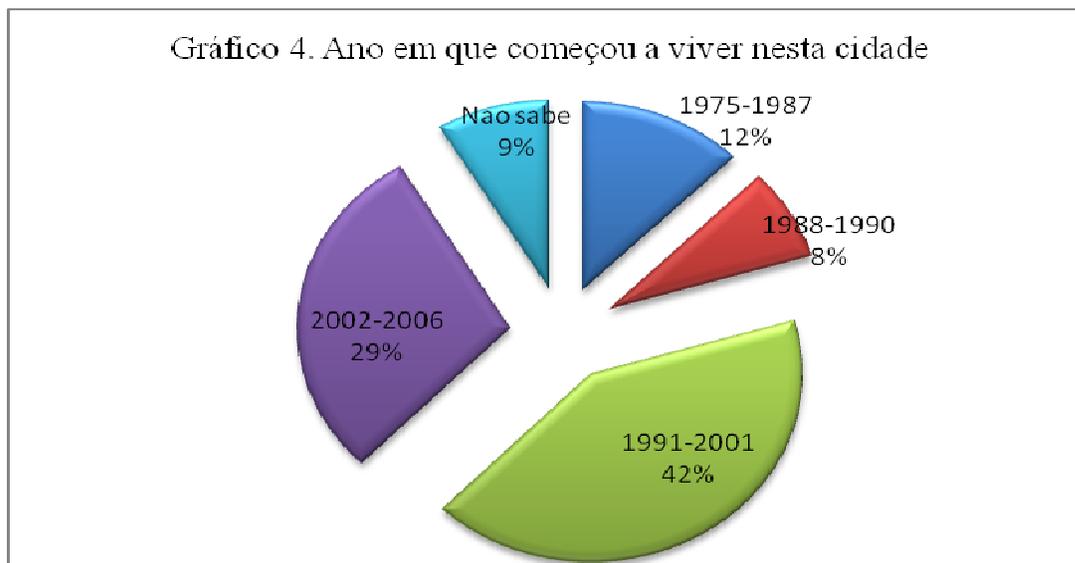
CAPÍTULO IV

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DAS MULHERES MIGRANTES NO MEIO URBANO

Neste capítulo analisam-se as características sócio-demográficas das mulheres migrantes de São Tomé e Príncipe segundo o período de migração, o lugar de origem e de destino. O capítulo baseia-se fundamentalmente na análise de dados do inquérito realizado nas seis cidades de São Tomé e Príncipe nomeadamente São Tomé, Trindade, Lobata, Neves, Santana e São João dos Angolares, no mês de Janeiro de 2007.

4.1. Período em que migrou

Considerando o período em que as mulheres migraram, desde a sua saída até a fixação da nova residência, foi possível verificar que entre as mulheres entrevistadas, o fluxo de migração rural-urbana entre 1975 e 1987 foi de 12%. É um fluxo ainda lento se comparado com o período entre 1988 e 1990 que foi de 8% como se pode observar no gráfico (4).



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

O fluxo lento migratório entre 1975 e 1987 pode ser explicado entre outros factores, pelo

facto de vigorar o regime socialista que tinha como política a concentração da população nas roças de cacau e café para exportação. Estas roças eram propriedade estatal.¹⁵ Contudo com a introdução do Programa de Reajustamento Estrutural (PRE) ocorrida a partir de 1987, e com ele a privatização das roças uma nova dinâmica começa a registar-se. Se por um lado, as roças passam a propriedade privada e por isso, gestão privada, por outro, algumas delas deixaram de ter um investimento situação esta que levou a decadência. Ambas as situações criaram condições de libertação de mão obra, e por consequência migração para a cidade.

O Programa de Reajustamento Económico não só afectou os homens das roças como também, teve um impacto directo sobre as mulheres que com eles trabalhavam. É assim que entre 1991 e 2001 e 2002 e 2006 regista-se um fluxo migratório bastante significativo. Ambos os períodos caracterizam-se pela introdução da democracia (1990) condição de maior liberdade de circulação de pessoas; impacto do Programa de Reajustamento Estrutural (a partir de 1987) as eleições de 2001 que provavelmente impulsionaram a saída das pessoas das áreas rurais para as urbanas. A queda do preço do cacau no mercado internacional a partir dos anos 1990 terá sido provavelmente o factor principal do relativo aumento da emigração para as cidades no período a partir de 2002.

4.2. Lugar de origem e lugar de destino

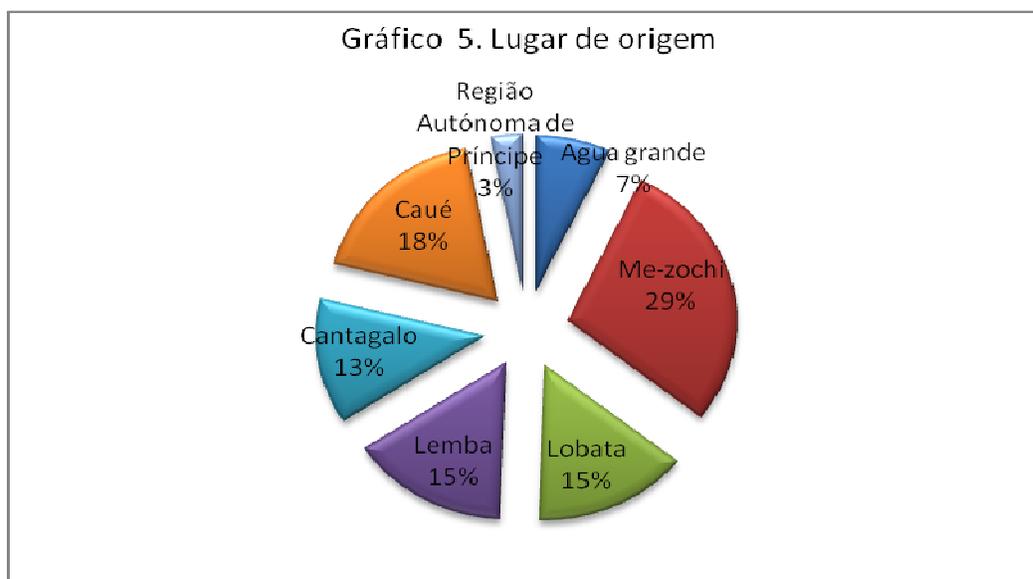
Recorrendo a técnica de medição directa da migração, baseada na análise da migração de toda a vida (*Life time migration*), foi possível obter a informação sobre o lugar de nascimento, duração da residência actual, residência actual das mulheres migrantes que vivem nas áreas urbanas.

De acordo com os dados do inquérito e entrevistas realizadas, foi possível averiguar que as mulheres migrantes de São Tomé e Príncipe, a residirem nas cidades, são, na sua maioria, oriundas das áreas rurais. Questionadas sobre o seu lugar de origem, mais de metade das mulheres migrantes inquiridas (58.6%), referiram que são provenientes de áreas rurais. Analisando a proveniência destas mulheres, por lugar específico de origem (vide gráfico 5),

¹⁵ Comm. Pessoal.

verifica-se que a maior parte das mulheres migrantes são oriundas do distrito de Mé-Zóchi (28.5%).

Por outro lado, também se constata que os distritos de Água Grande e a Região Autónoma de Príncipe são onde saem menos mulheres migrantes, representando apenas 7% e 3% respectivamente, do total das mulheres migrantes de São Tomé e Príncipe, isto é devido, provavelmente, a localização de duas principais capitais nestes distritos nomeadamente, a cidade de São Tomé na ilha de São Tomé e São António na ilha de Príncipe.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

O inquérito demonstra que, do conjunto das mulheres emigrantes que nasceram no distrito de Mé-zochi, a maioria (43%) encontra-se a residir na capital do país São Tomé. Cerca de 38.5%, encontra-se a residir na cidade da Trindade e apenas 1.8% fixou a sua residência na cidade de São João dos Angolares. Quanto às mulheres emigrantes nascidas em Príncipe, constatou-se que, a maior parte (58,3%), encontra-se a residir na capital do país, 33,3% fixou definitivamente residência na cidade da Trindade apenas, 8,3%, o correspondente a uma mulher que reside na cidade de Neves. Importa ressaltar que, das mulheres imigrantes entrevistadas nas cidades de Guadalupe, São João dos Angolares e Santana, nenhuma é proveniente da Região Autónoma de Príncipe. (Vide Tabela 1, em anexo)

O distrito de Caué, também contribui de uma forma não menos importante, no fluxo da migração feminina rural-urbana em São Tomé e Príncipe, com taxa de emigração de 18%, conforme ilustra o gráfico 5. E mais de 50% de mulheres emigrantes fixaram a sua residência na capital do país.

Importa referir que neste distrito, de acordo com pesquisa de campo, constatou-se que, a emigração, principalmente para a cidade de São Tomé é feita por etapas. Com efeito, a partir de Caué, as mulheres emigrantes com destino à Cidade Capital, primeiro fixam residência na cidade de Santana; depois de um período de fixação, finalmente, as mulheres migram para a Cidade capital, São Tomé. (Vide Mapa 1)

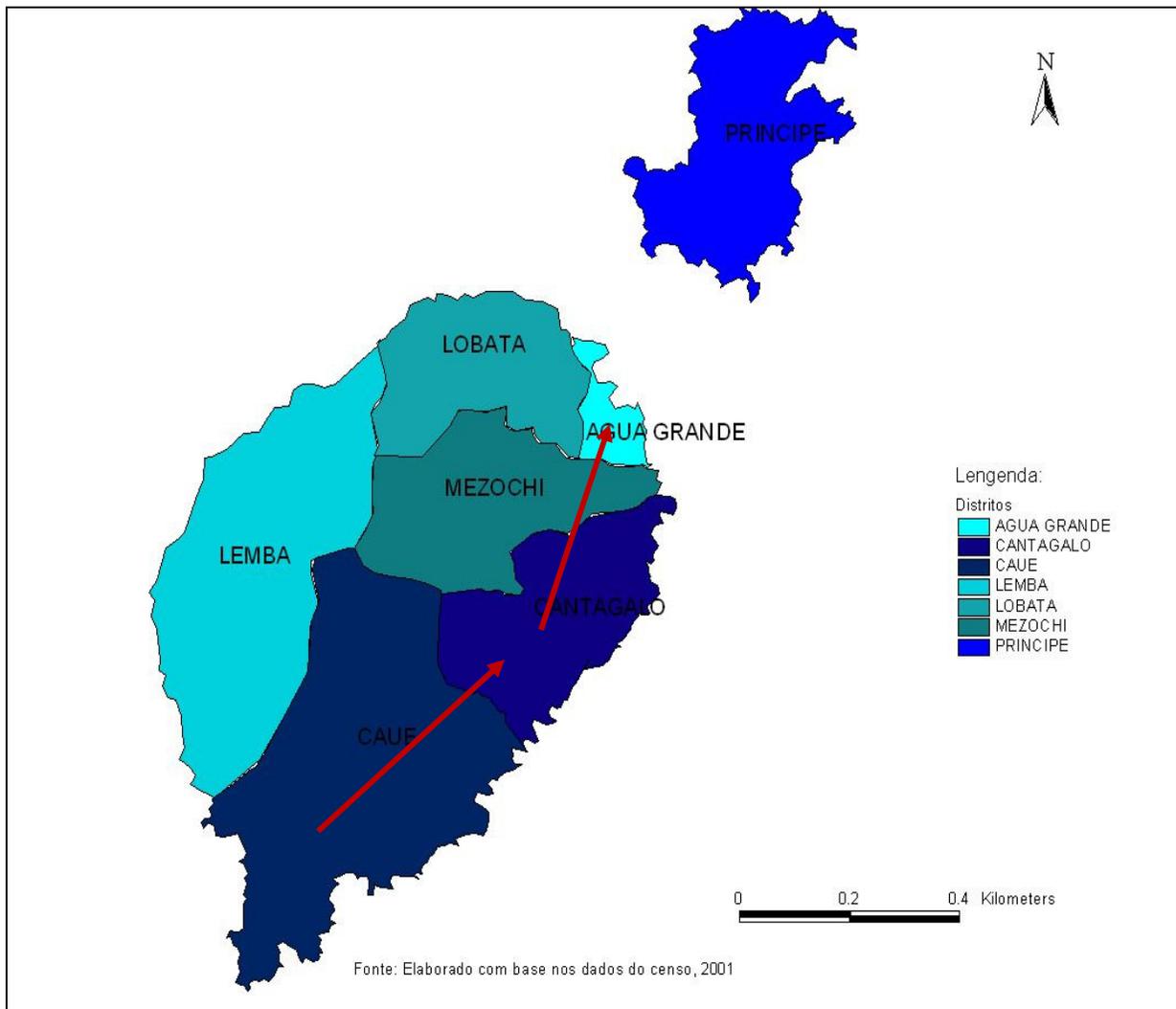
A este respeito, Ravenstein citado por Lee (1969), refere que a migração por etapas é feita não por movimentos directos, mas sim por uma série de movimentos de vila, para a cidade pequena e desta para uma cidade maior. Que neste caso para o presente estudo, a vila seria um pequeno aglomerado populacional, enquanto que pequena cidade constitui-se de capitais distritais, e a cidade grande é cidade capital do país.

O depoimento da Sra. Mónica que trabalhava na roça Ribeira Peixe (distrito de Caué) na empresa de produção de óleo vegetal (EMOLVE), e na altura do inquérito encontrava-se a residir na capital, evidencia essa forma de migração por etapas:

“Eu nasci em São João dos Angolares (distrito de Caué), cresci na roça Ribeira Peixe trabalhei durante muitos anos na empresa EMOLVE, e com passar de tempo a vida estava cada vez difícil, foi assim que decidi mudar para cidade. Primeiro mudei para cidade de Santana (distrito de Cantagalo), vivi lá cerca de 5 anos. Enquanto eu residia lá, fazia o negócio de venda de azeite aqui na cidade capital. Mas, com o andar do tempo, consegui alugar uma casa aqui em São Tomé, e passei a residir definitivamente aqui na Chácara, até hoje. Actualmente, eu faço negócio de venda de roupa que compro no Gabão” (São Tomé, 12/01/07)

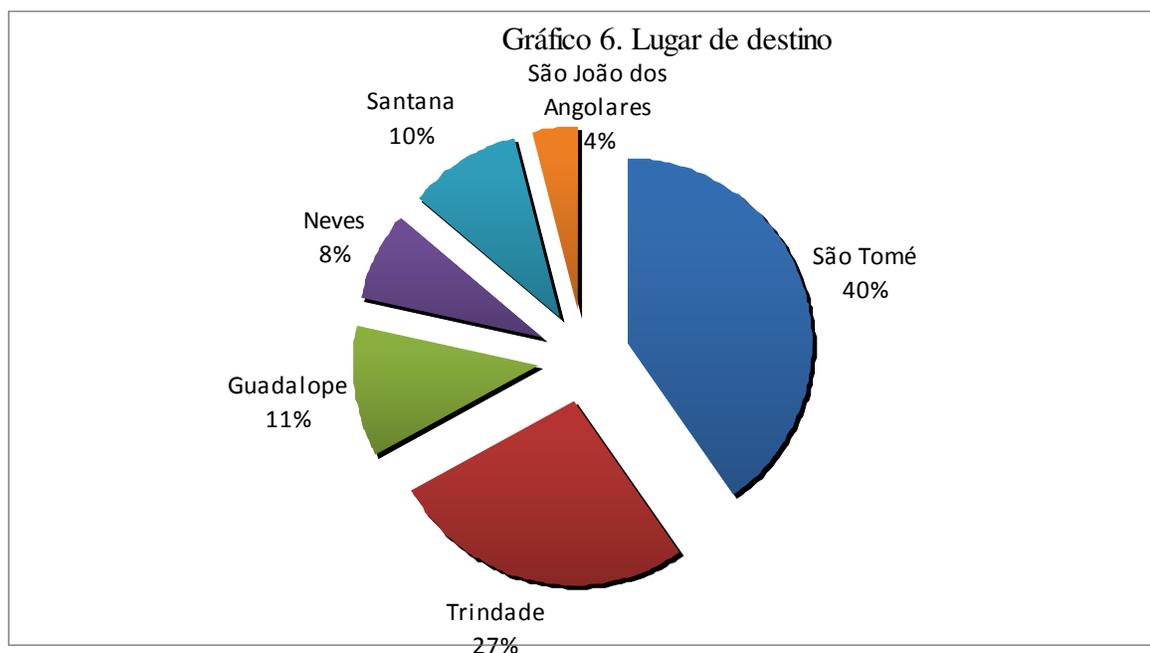
Mapa 2. Migração por etapas da população feminina do distrito de Caué

...6



Relativamente a cidade de destino, foi possível verificar que a cidade de São Tomé, é onde se encontra a residir a maior parte (40.3%) das mulheres imigrantes, conforme se pode observar no gráfico 6 e o fluxo migratório no mapa 2. Destas, a maior parte são provenientes do distrito Mé-zochi (30.5%), seguindo-se de mulheres que nasceram no distrito de Caué (24.7%), conforme se pode constatar na tabela 1, em anexo. Esta significativa convergência de mulheres imigrantes nesta cidade, deve-se entre vários factores atractivos, pelo facto de neste distrito se localizar a capital do país, ter um nível relativo de desenvolvimento

comparativamente as restantes cidades do país, e também por ser aqui onde se concentram todas os principais serviços de saúde, educação, centro de negócios, comércio, poder político, etc.



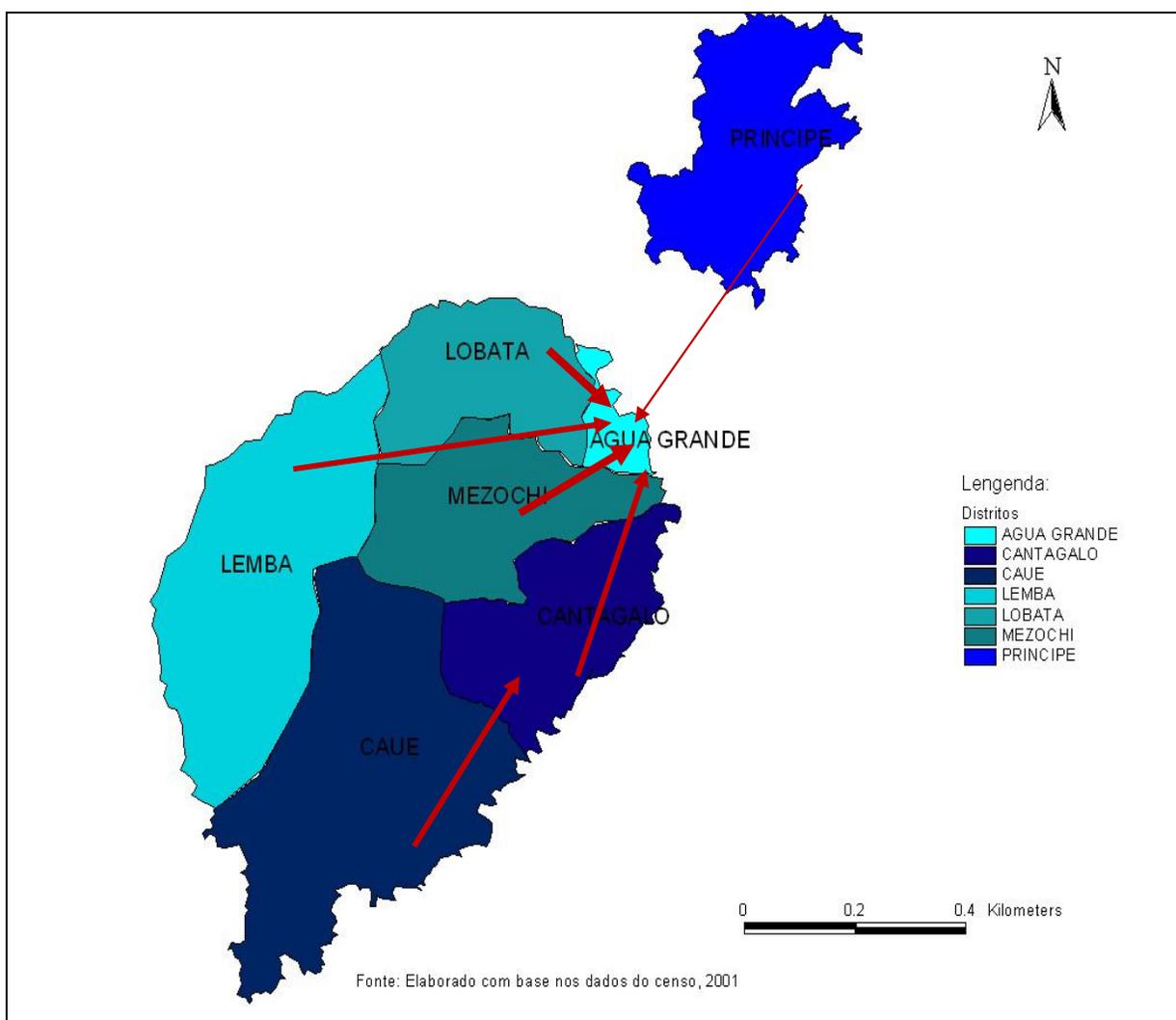
Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

Na cidade da Trindade, também se encontra a residir uma proporção não menos importante de mulheres imigrantes (26.7%) conforme mostra o gráfico 6. Destas imigrantes, a maior parte é oriunda das roças do distrito de Mé-zochi e fixou residência, na cidade de Trindade. Este significativo fluxo de mulheres migrantes das roças para Trindade pode estar relacionado, dentre outros factores, com a degradação do sector agrícola e o desequilíbrio de desenvolvimento entre as áreas rurais e a área urbana dentro do Distrito de Mé-zochi. Importa referir que no Distrito de Mé-Zóchi é onde está concentrada a maior parte e as mais importantes roças de São Tomé e Príncipe.

Por seu turno, a cidade de São João dos Angolares, é a que registou a menor entrada de imigrantes, o correspondente a aproximadamente 4% da taxa de imigração total. Este facto, pode ser explicado, em parte, pela predominância de áreas rurais, baixo nível de desenvolvimento urbano (pobre em infra-estruturas urbanas e de serviços públicos) e

predominância de acidentes geográficos, com destaque para a cadeia montanhosa formada pelos dois maiores picos do país, nomeadamente o pico de São Tomé, com 2042 m e o pico Ana Chaves, com 1631 m o que de alguma forma dificulta a fixação da população, especialmente quando não se dispõe de tecnologia e recursos financeiros que possam alterar as condições da natureza.

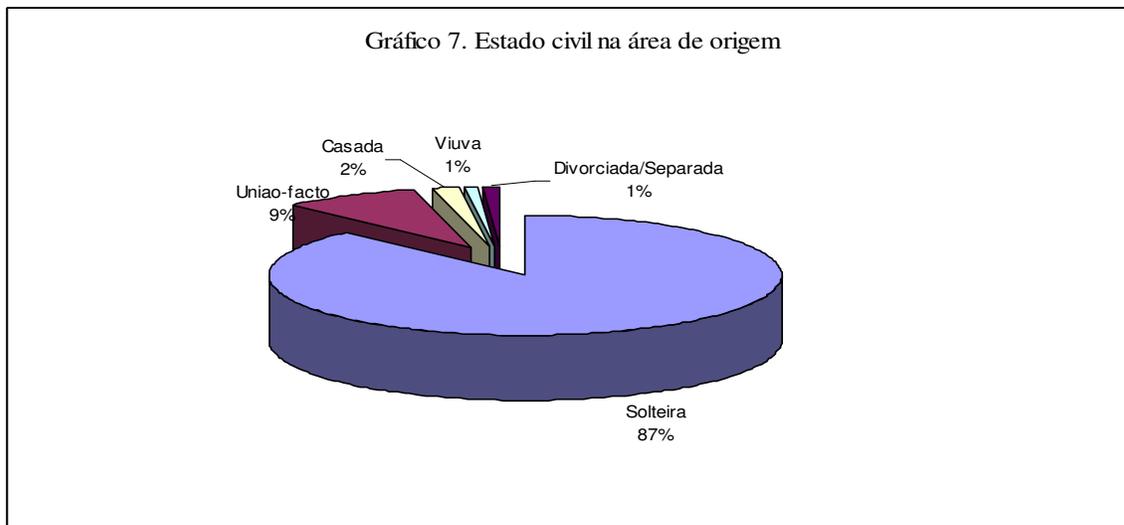
Mapa 3. Fluxo¹⁶ migratório da população feminina em São Tomé e Príncipe



¹⁶ O fluxo migratório refere-se ao sentido geográfico do deslocamento de um determinado volume de pessoas (que tem uma mesma região de origem e um mesmo lugar de destino), durante um determinado período.

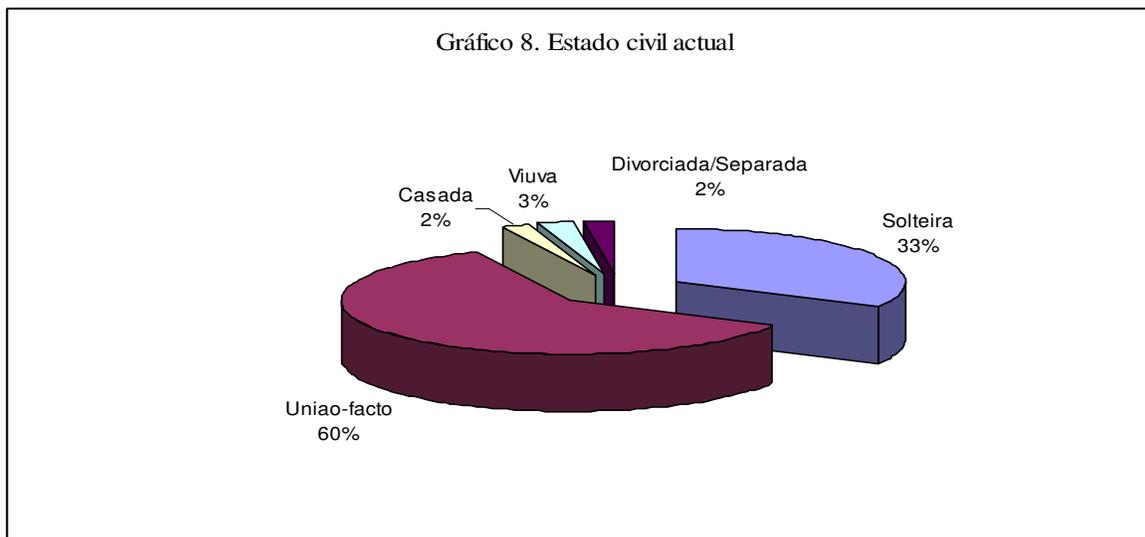
4.3. Estado civil

No que se refere ao estado civil das inquiridas (vide gráfico 7), a maior parte (88%), declarou que era solteira, no lugar de origem, ou seja no lugar onde se deu a migração, o que confirma a fundamentação teórica defendida por Gugler (1969) e Oberai (1987), de que geralmente, as mulheres solteiras são mais propensas a migrar, comparativamente às mulheres casadas ou as que vivem em união marital.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

No lugar de destino (vide gráfico 8), constatou-se que, a maior parte das mulheres inquiridas encontra-se a viver em uniões de facto 60%, e 2% são casadas.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

Assim, foi possível averiguar que, a maior parte das mulheres migrantes solteiras, quando chegam no lugar de origem se juntam a um parceiro. Apesar da maior parte das mulheres, no lugar de destino terem declarado que se encontram a viver em união de facto, uma parte considerável vive em uniões que incluem relações poligâmicas, em que as mulheres têm um parceiro, que ao mesmo tempo têm/vivem com outras parceiras conforme elucida o depoimento da Sra. Analdina de 23 anos de idade:

“ (...) Após a morte da minha mãe, mudei-me para a cidade, vim viver com minha avó. Eu, ainda era solteira, mas, quando cá cheguei, conheci meu homem com o qual tive um filho. Eu não vivo com ele porque ele tem a sua mulher, mas ele vem de vez em quando me visitar (...) e isso não me afecta porque a maior parte das mulheres aqui na cidade vive na mesma situação de “vencha”¹⁷ como eu (Neves, 07/01/07”

4.4. Idade

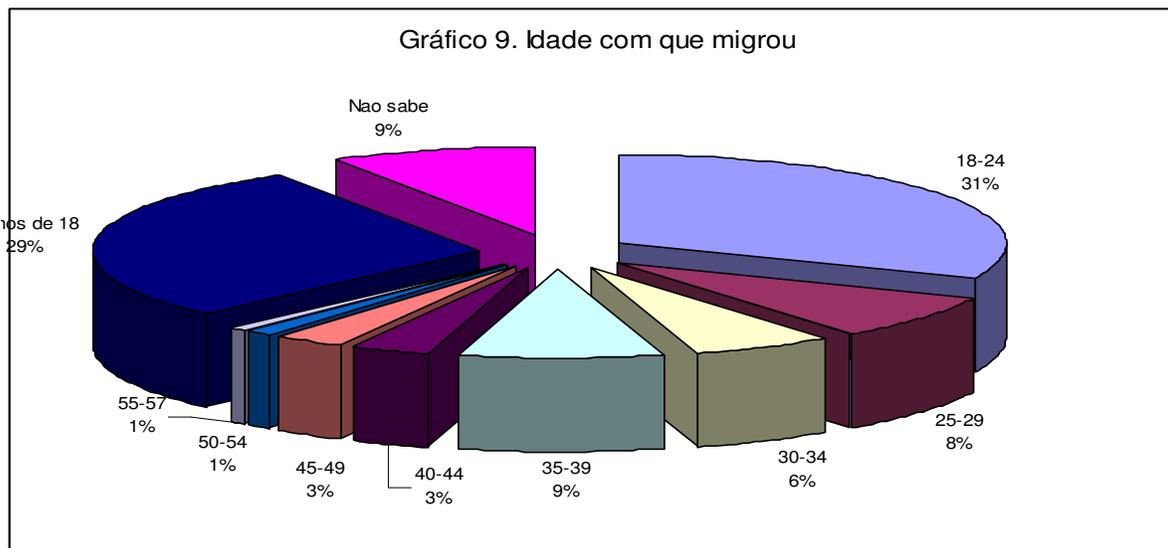
Considerando que a migração é selectiva, a idade da pessoa migrante permite identificar especificamente a propensão a migrar tomando em consideração as diferentes idades ou faixas etárias. Essa análise permitirá identificar os factores que podem estar relacionados com a propensão a migrar entre as mulheres das diferentes faixas etárias.

A idade constitui uma das características importantes do fenómeno de migração, na medida em que tem um impacto directo tanto no lugar de origem como no de destino, em termos de proporção de pessoas economicamente activas e sobre o nível de fecundidade.

No presente trabalho, pretende-se analisar a característica idade, em torno do processo de tomada de decisão de migrar, o que permitirá verificar até que ponto a mulher tomou ou participou na decisão de migrar, de acordo com a sua idade.

¹⁷ Este conceito “vencha”, na língua local, crioulo de São Tomé, significa, “amante”, ou convivência, relacionamento afectivo entre um homem que vive em união, com uma ou mais mulheres diferentes da sua parceira. Esta relação geralmente, é permanente, podendo se denominar por poligamia.

No que se refere a idade com que as mulheres migraram (vide gráfico 9), verificou-se que 31% das entrevistadas migrou quando tinha idades compreendidas entre os 18-24 anos. A faixa etária que segue em termos percentuais é constituída de mulheres com idades menores de 18 anos, representando 29%. Portanto trata-se de uma emigração jovem.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

De facto, estes resultados evidenciam que, a idade é um aspecto que está fundamentalmente relacionada com a tomada de decisão de migrar entre as mulheres migrantes em São Tomé e Príncipe. Este facto, é ilustrado nos depoimentos da Sra Chandy de 28 anos de idade e da Sra. Valódia de 23 anos de idade:

“ Quando viajei para aqui em São Tomé, eu tinha 19 anos de idade. A minha mudança para cá, já era uma coisa prevista e consensual dentro da minha família, porque eles queriam que eu continuasse com os meus estudos; no Príncipe, naquela altura (1998), só se estudava até a 9ª classe, e para continuar com os estudos tive que viajar para cá” (Guadalope, 05/01/0).

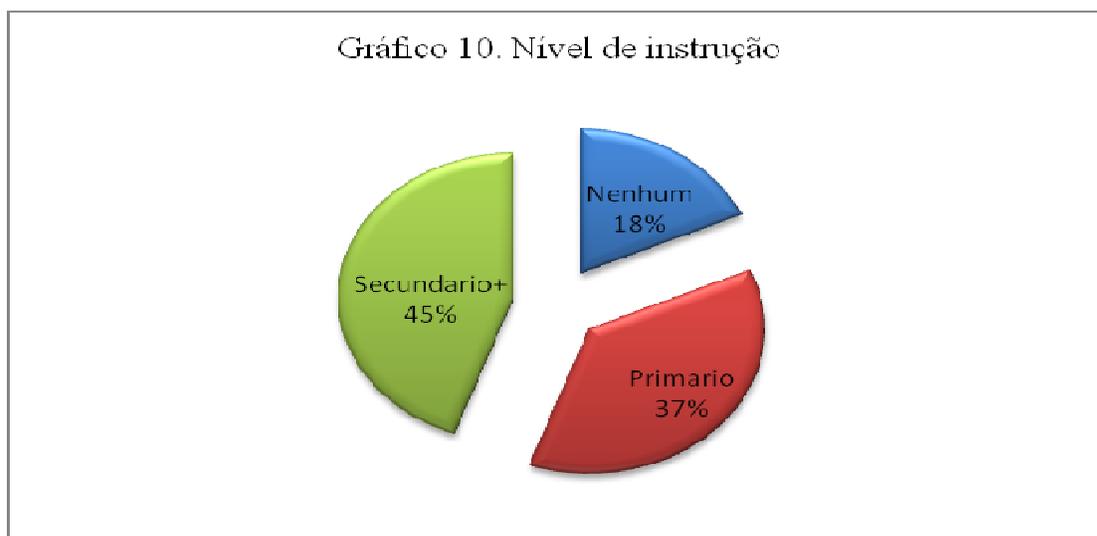
“ Eu vim para a cidade de Trindade quando tinha 17 anos de idade, após a falecimento do meu pai. Eu, vim para aqui viver com a minha madrinha, porque o meu pai, antes de falacer recomendou-me que viesse viver com a minha madrinha e já

tinha combinado com ela (...)" (Trindade, 04/01/0)

4.5. Educação

A educação constitui uma das características preponderantes que evidenciam a selectividade do fenómeno de migração. O nível de educação da pessoa também influencia significativamente na decisão de migrar.

O inquérito indicou que a maior parte das mulheres migrantes inquiridas (vide gráfico 10), na altura em que migraram (cerca de 45%), possuíam pelo menos o nível secundário ou mais, 37% tinham frequentado o nível primário e 18%, nunca tinham frequentado a escola (gráfico 10), o que confirma a teoria postulada por Oberai (1987), Adepoju (1991) e Todaro (1997), que refere que as mulheres com um certo nível de educação, são as mais propensas a migrar para as cidades.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

4.6. Ocupação

De acordo com Todaro (1969 e 1976), a decisão de migrar inclui a percepção dos indivíduos baseadas nas expectativas para maximizar os seus rendimentos, o que depende da oferta de emprego nas áreas urbanas e da probabilidade de obter emprego no sector formal urbano. Contudo, Todaro (1997) refere que poucas são as mulheres migrantes que encontram

emprego no sector formal urbano, que é maioritariamente dominado pelo homem. Como consequência, estas enquadram-se no sector informal como estratégia de sobrevivência para si e suas famílias.

Analisando as categorias ocupacionais das mulheres inquiridas (vide tabela 4.3), pode-se constatar que, no lugar de origem, 30% das mulheres eram domésticas, 25% praticavam o comércio informal, 22% praticavam a agricultura e 21% eram estudantes.

Ainda na mesma tabela sobre a ocupação das mulheres migrantes nos lugares de destino foi possível verificar que a maior parte delas encontram emprego no sector informal, particularmente, actividade ao comércio informal de pequena escala, representando 49% das entrevistadas, vendendo produtos hortícolas, géneros alimentícios, peixe¹⁸, e roupa de segunda mão (denominada por “fardo”), seguindo-se de 37%, que se declararam domésticas. Importa referir que, 5% das mulheres migrantes são estudantes e apenas 2% das entrevistadas é que declararam que praticavam a agricultura no lugar de chegada.

Tabela 4.3. Actividade principal exercida por mulheres migrantes na área de origem e destino

Actividade principal	Área de origem (%)	Área de destino (5)
Doméstica	30	37
Comércio informal	25	49
Agricultura	22	2
Estudante	21	5

Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

Estes resultados são consistentes com o postulado por Adepoju (1991), de que geralmente são os trabalhadores do sector terciário que mais tendem a migrar, enquanto que os agricultores tendem a estar mais ligados à terra. E na área de destino tendem a estar mais ligadas as actividades do comércio informal (Adepoju, 2004). Uma vez que a maior parte das mulheres que migraram na sua maioria eram domésticas ou praticavam o comércio informal.

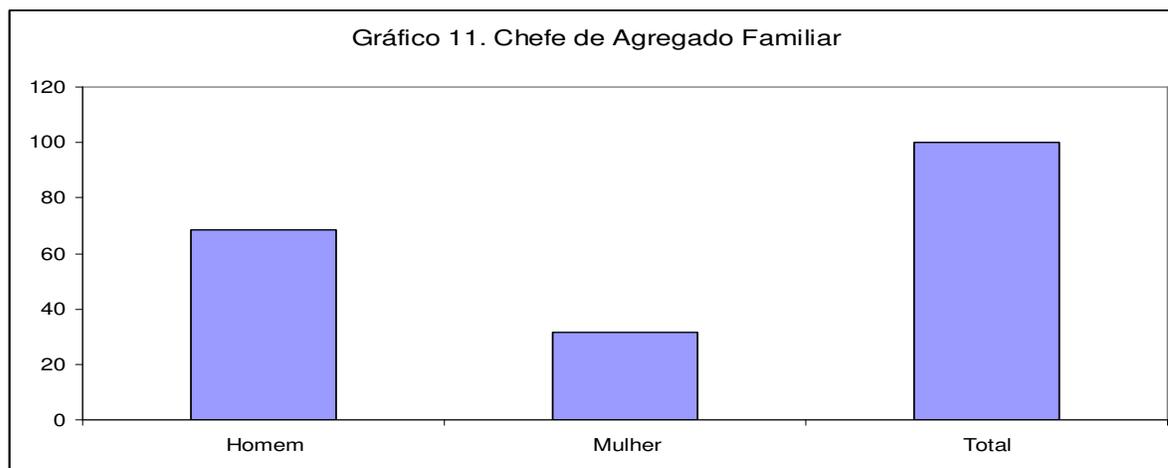
¹⁸ As peixeiras são conhecidas por “palaês” na língua crioulo de São Tomé.

4.7. O agregado familiar da mulher inquirida

Esta secção debruça-se sobre o agregado familiar da mulher inquirida e analisa a sua situação do emprego, habitação, energia e combustível para cozinhar.

4.7.1 Chefia do agregado familiar.

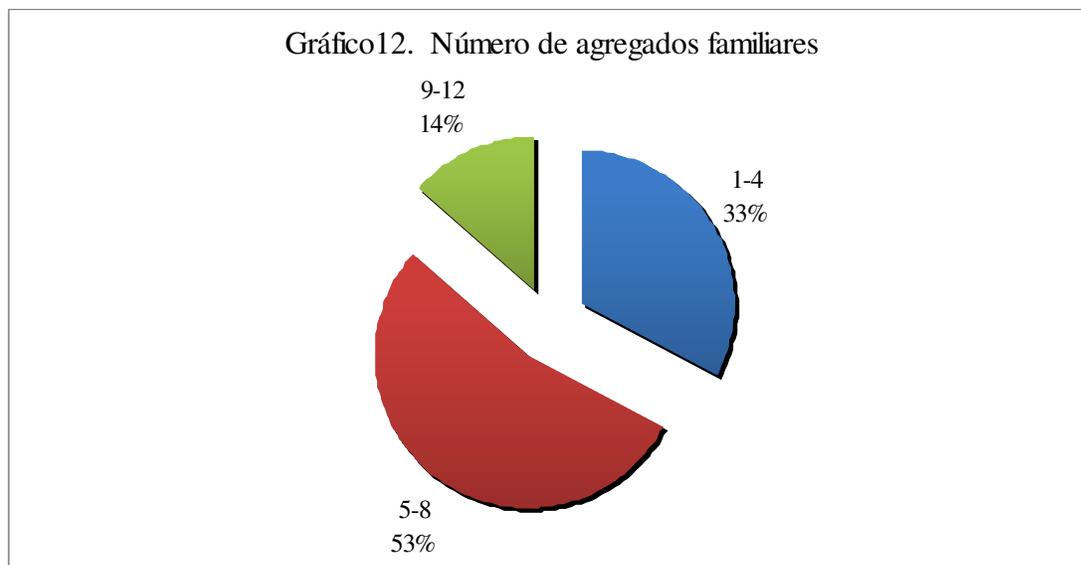
Em relação a chefia dos agregados familiares (vide gráfico 11) o inquérito revelou que 31% são chefiados por mulheres e 69% por homens conforme ilustra o gráfico (11).



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

4.7.2 Composição ou número de pessoas do agregado familiar

O gráfico (12) mostra que os agregados familiares das mulheres inquiridas são constituídos por 5 a 8 pessoas. Também se verificou que existiam agregados familiares constituídos por nove a doze pessoas sendo a percentagem deste grupo correspondente a 14%.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

4.7.3. Energia, combustível para cozinhar, água e tipo de habitação

O inquérito indica que mais de metade dos agregados familiares das mulheres inquiridas (cerca de 51%), não possui energia eléctrica, e a maioria (67.8%), usa lenha como combustível para cozinhar os alimentos.

A principal fonte de água que usam para beber é do chafariz ou fontanário público (74.1%). As suas habitações foram construídas, na sua maioria (84.6%) com madeira e zinco. Estes agregados na sua maioria (55.8%), não possuem casa de banho dentro da residência.

4.7.4. Emprego

O inquérito sobre o Perfil da Pobreza realizado em São Tomé e Príncipe no ano 2001, revelou que a pobreza afecta 53,8% da população total do país, sendo 55.7% a percentagem de agregados familiares (AF) chefiados por mulheres. No que se refere a situação do emprego, a maior parte da população são-tomense encontra-se no desemprego (68%), do qual a população feminina constitui a maioria (64.7%) em relação aos homens (MPF, 2002).

CAPÍTULO V

DECISÃO DE MIGRAR, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO

A decisão de migrar depende de vários factores (atractivos e repulsivos) que agem simultaneamente sobre a pessoa migrante. Para os propósitos didácticos e do presente estudo, a análise da decisão de migrar entre as mulheres foi feita com base na correlação com as seguintes variáveis: idade ao migrar, estado civil ao migrar, ocupação ao migrar e nível de escolaridade ao migrar.

5.1. Decisão de migrar

Questionadas as mulheres migrantes se algum membro de família interferiu na sua decisão de migrar a maior parte (56.8%), respondeu que tomou por si própria a decisão de migrar e que nenhum membro da família interferiu na sua decisão de migrar. Este facto é evidenciado no depoimento da Sra. Natália:

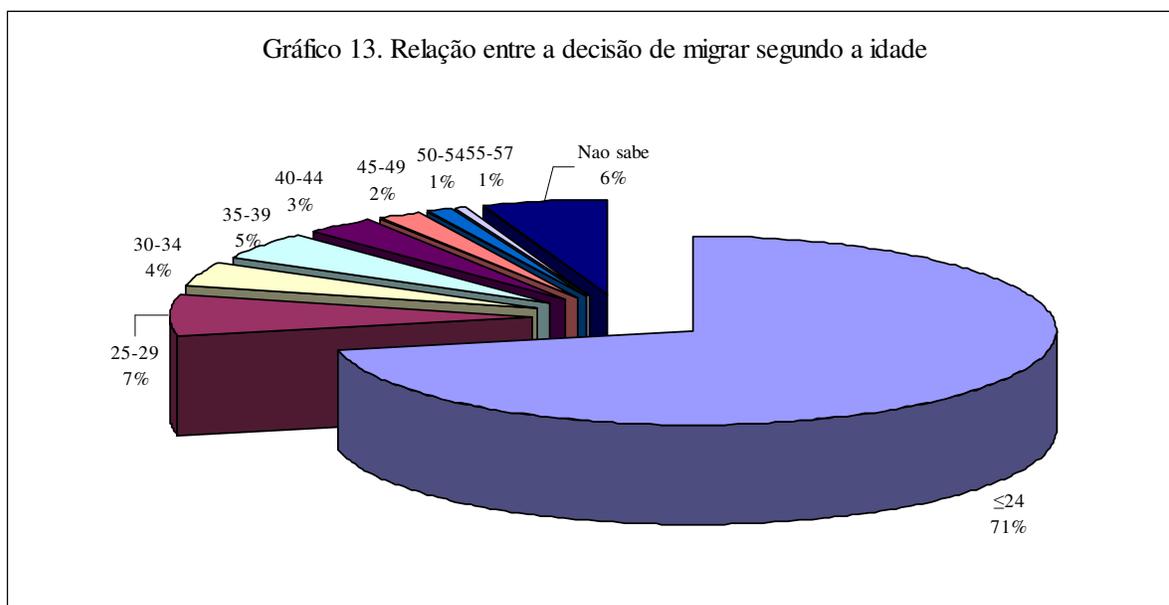
“Eu era uma, mulher solteira e mãe de 3 filhas, mas a vida lá na roça estava muito difícil para mim; eu estava desempregada por isso tomei a decisão de vir tentar a vida cá. Vim sozinha e, distribui minhas filhas entre as minhas irmãs e a minha mãe. Mais tarde chamei a mais nova, que veio se juntar a mim (...)” (Santana, 06/01/07).

Por seu turno, uma parte das mulheres, o correspondente a 43.2% das inquiridas, referiu que a sua decisão para migrar foi influenciada, pelo menos por um membro da família. Este facto, é elucidado pelo depoimento da Sra Isilda, que teve de migrar para acompanhar o seu marido e, está disposta a migrar sempre que o seu marido decidir:

“(...) mulher é como um cesto. Vai onde o marido quiser; ela tem que acompanhar o marido porque a mulher não tem terra (...)” (São João dos Angolares, 09/01/07).

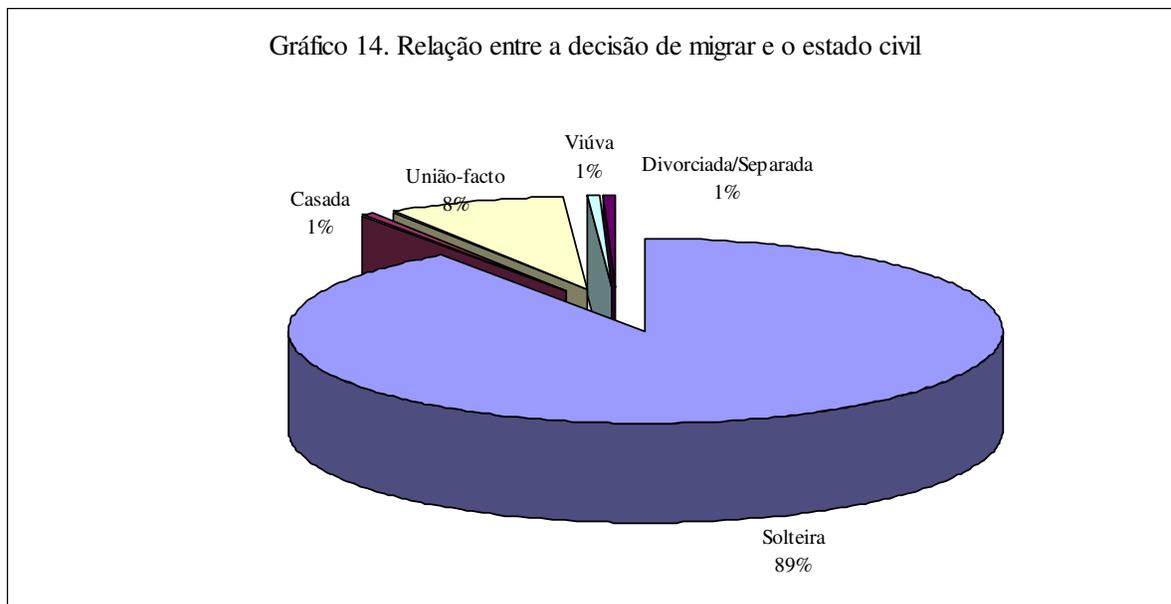
Fazendo uma análise da correlação entre a decisão de migrar e a idade da mulher ao migrar, pode-se verificar que o poder de decisão das mulheres, variou segundo a idade, isto é quanto

mais novas as mulheres, menor é o seu poder de decisão. Quanto maior a idade da mulher, maior é a sua autonomia na decisão de migrar. Com efeito, a maior parte representando 71.5% do total das mulheres inquiridas, que afirmou que algum membro da sua família interferiu na sua decisão de migrar tinham idades inferiores ou igual a 24 anos. (Vide gráfico 13) A respeito das mulheres que migraram quando tinham idades inferiores a 24 anos, foi possível constatar que a decisão de migrar, geralmente, não foi tomada por elas, considerando que estas migraram por razões relacionadas com a continuação de estudos, companhia de familiares, reunificação familiar e companhia de seus esposos.



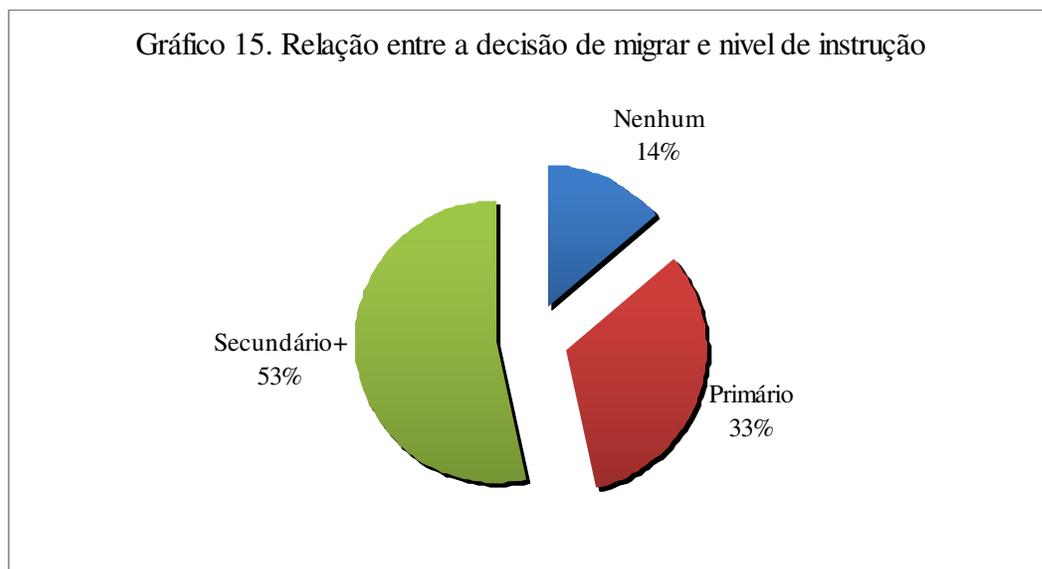
Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

No que se refere à correlação entre a decisão de migrar e o estado civil ao migrar, constatou-se que mais de 90% das mulheres inquiridas afirmou que nenhum membro da sua família influenciou na sua decisão de migrar eram solteiras (vide gráfico 14).



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

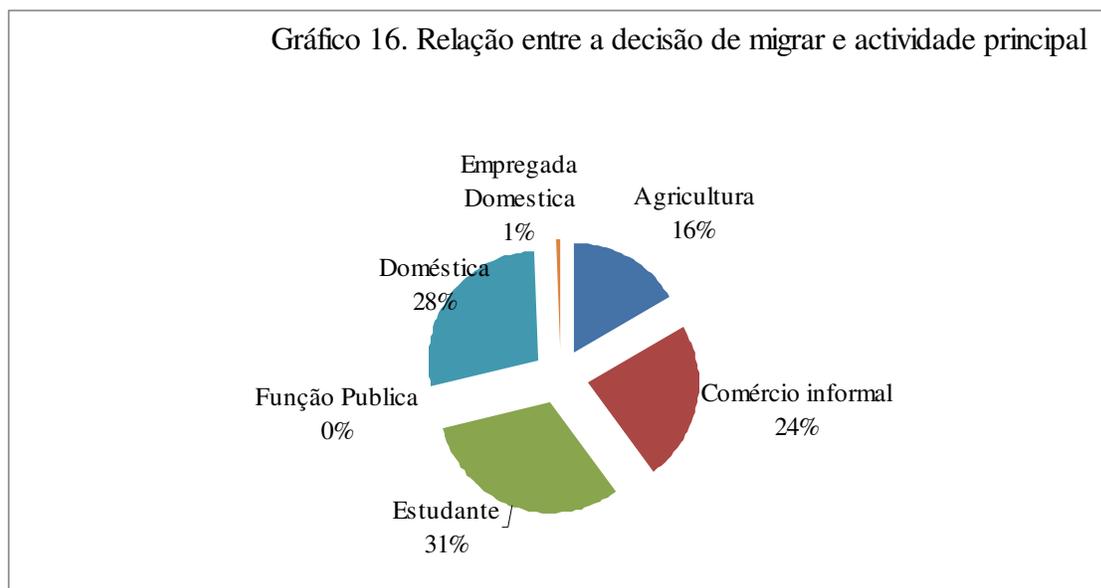
A decisão de migrar, variou também segundo o nível de escolaridade. As mulheres com o nível secundário e mais representam a maioria (53.3%) que afirmou ter havido interferência da família na sua decisão de migrar. (vide gráfico 15).



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

No que se refere a correlação entre a decisão de migrar e ocupação das mulheres entrevistadas, constatou-se (vide gráfico 16) que as estudantes representam a maioria (32%)

que referiram a interferência da família na sua decisão de migrar.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

5.2. Causas de migração

Vários são os factores que levaram as mulheres a migrar sendo de destacar dois principais: a melhoria das condições de vida e causas familiares. Das causas relacionadas com as condições de vida destacam-se: procura de emprego (32%), abandono das roças (12%) continuação dos estudos (8%) e acesso aos serviços de saúde (3%) totalizando 57%.

Em relação as causas familiares o inquérito revelou que 40% saiu por causa de reunificação familiar ou casamento. Na língua crioulo estes casos designam-se “*cují homem*”, que significa juntar-se ao marido para casamento e 3% convite dos parentes perfazendo um total de 43%.

Estes resultados, coincidem com as constatações de Adepoju (2002) e Siddique (2004), que afirmam que, hoje em dia, as mulheres migram de forma autónoma e, de certa forma, pelas mesmas razões que os homens uma vez que mais de 50% das mulheres migrou pela causa relacionada com a melhoria de vida tais como: a procura de emprego nas áreas urbanas, continuação dos estudos, degradação das roças e acesso os serviços de saúde.

De facto, 32% das mulheres entrevistadas referiu que, abandonou os seus lugares de origem devido à falta de emprego, de forma que tiveram de migrar para as áreas urbanas na expectativa de obter um emprego condigno e melhores condições de vida para si e os seus familiares.

Outra causa apontada pelas mulheres que merece destaque é a degradação das roças. Os resultados mostram que 12% das mulheres foram forçadas a migrar devido a degradação das roças. Esta causa pode ser associada ao Programa de Reajustamento Estrutural (PRE), introduzido em 1987, o que massificou o processo de privatização das roças, conduzindo, paradoxalmente, à degradação das mesmas.

A este respeito, Adepoju (1991) refere que nos países africanos, a migração feminina intensificou-se na década de 1990, como consequência do impacto sócio-económico dos programas de reajustamentos estruturais (PRE).

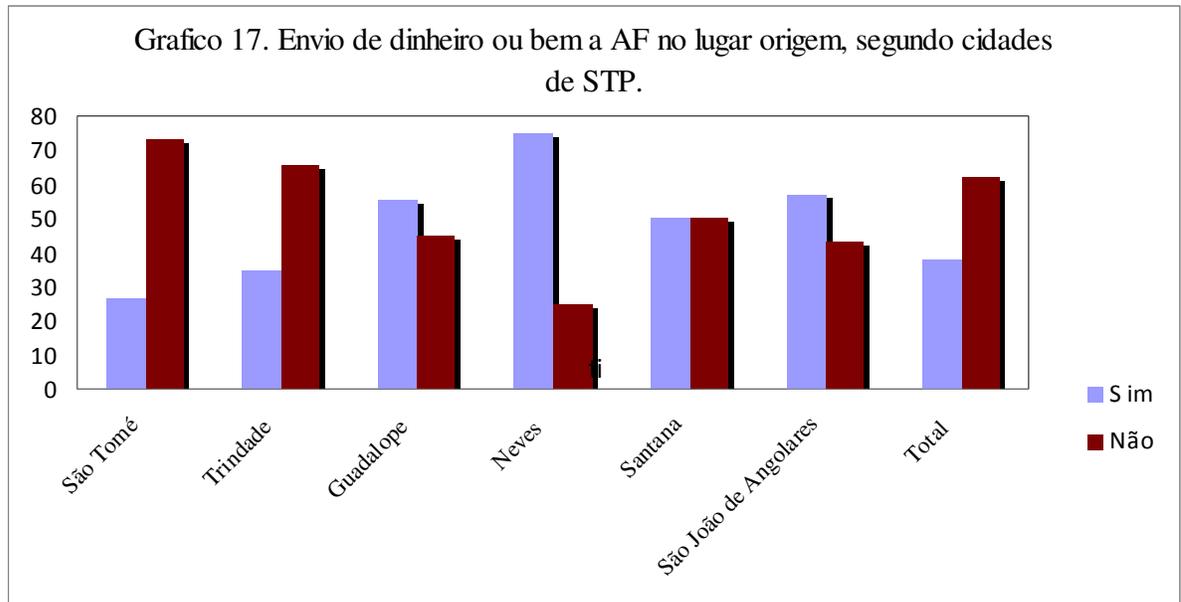
5.3. Mulher migrante e ligações com as pessoas deixadas no lugar de origem

Embora, por diversas razões as mulheres migrantes tenham saído dos seus lugares de origem, na maioria dos casos continuam mantendo o vínculo com os seus familiares.

Questionadas sobre, se há ainda um membro do seu agregado na sua área de origem, a maioria (82,7%), afirma ter ainda, 17,5% referiu que não tem. Das que ainda têm familiares na área de origem, a maioria (89,5%) costuma ir visitar seus respectivos familiares com alguma frequência.

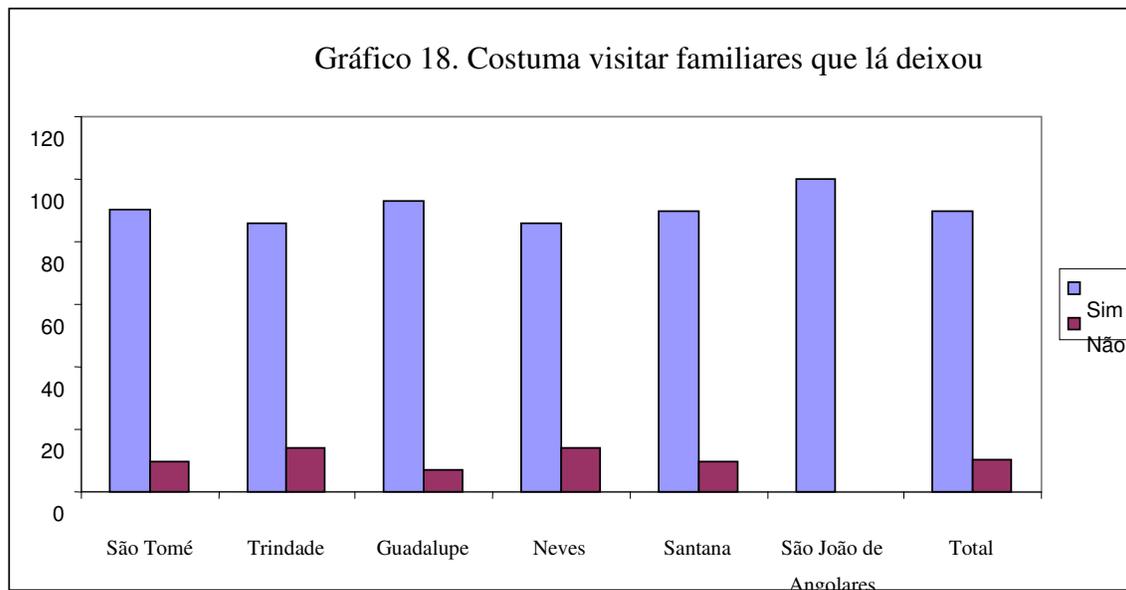
Uma forma de avaliar a relação entre o/a migrante é questionar sobre o envio de dinheiro ou produtos. Questionadas sobre se enviam dinheiro ou bens para os seus familiares, pode-se constatar que a maior parte das imigrantes do país não enviam dinheiro ou bens para os AF que ficaram na área de origem (vide gráfico 17) representando 62.2% do total das inquiridas, variando de acordo com a cidade do país, sendo evidente nos inquiridas da cidade de São Tomé (a capital do país) onde 73.3% do total das inquiridas declarou não enviar dinheiro ou

bens para o AF. Das migrantes que enviam dinheiro ou bens aos familiares que ficaram na área de origem a maioria 75%, são da cidade das Neves.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

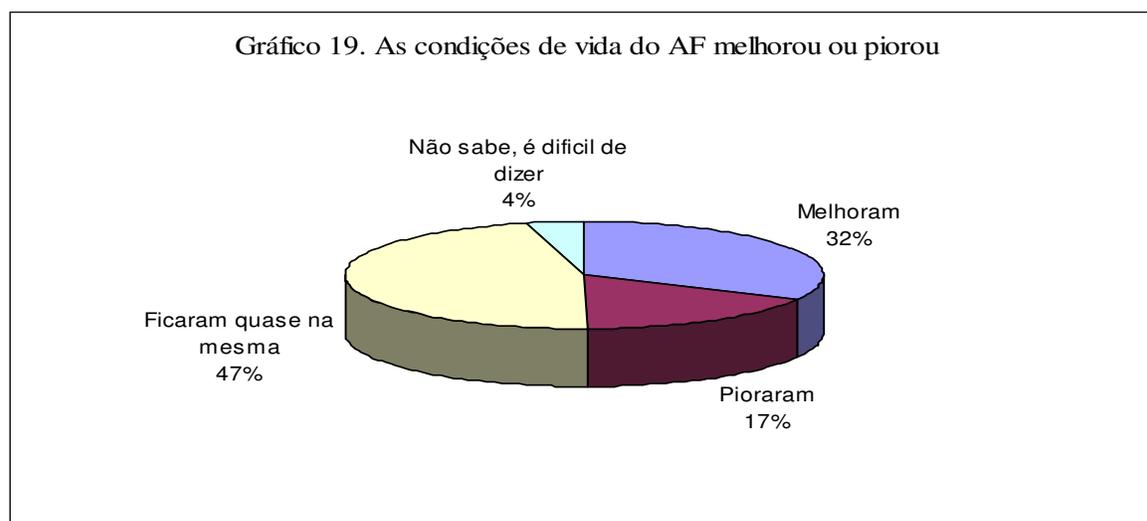
No que se refere a questão de reencontro (gráfico 18), quando questionadas se costumam ir visitar os familiares deixados no lugar de origem, a maioria das inquiridas respondeu positivamente (89.5%). Do total das entrevistadas da cidade São João de Angolares, todas (100%) declararam que costumam ir visitar os seus familiares que ficaram no lugar de origem. De uma forma geral, em todas as cidades, a maior parte das mulheres migrantes afirmou que costumam ir visitar seus familiares.



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (Janeiro, 2007)

5.4. De que modo a migração afectou a vida das mulheres e os agregados familiares?

Questionadas as mulheres migrantes se as condições de vida do seu AF melhoraram, pioraram, ou ficaram quase na mesma, depois de ter mudado para esta cidade, a maioria delas (47%), (vide gráfico 19), afirmou que as condições do seu AF mantiveram-se na mesma, em relação ao lugar de origem, 32% disse que melhorou enquanto para 17% das entrevistadas piorou.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

Na generalidade as condições de vida das mulheres migrantes inquiridas não melhoraram porque segundo elas, não tiveram casa própria, não têm acesso a água, energia eléctrica, e habitação condigna. A população feminina migrante de São Tomé e Príncipe dirige-se á cidade na expectativa de uma vida melhor e ao invés disso, encontra dificuldades relacionadas, principalmente, com a crise de habitação, emprego e integração social, o que tem agudizado o problema de exclusão social. Estas mulheres migrantes ao encontrar dificuldades de adaptação, enfrentam problemas de pobreza por falta de emprego no sector formal urbano e recorrem às actividades do sector informal de pequena escala, particularmente o comércio como estratégia de sobrevivência. A actividade de subsistência que elas fazem para sobreviver, como o comércio informal, não lhes permite economizar ou guardar dinheiro vivendo apenas para o dia-a-dia com medo do futuro uma vez que não têm dinheiro guardado no banco. A maior parte delas (cerca de 70% das inquiridas) anseia ir ao exterior para a compra e venda de mercadorias pois, segundo elas, as mulheres que fazem este tipo de negócio no Gabão, Angola e Portugal, são as que “*se deram bem na vida*”; porque possuem habitação própria e abriram negócios como salões de cabeleireiro, pastelarias e bancas no mercado dentro da cidade.

5.5. Planos migratórios

Nesta secção pretende-se entender quais são os planos das mulheres migrantes. Se planeiam manter-se na cidade onde se encontram, ou mudar para outra cidade, ou mesmo para exterior, e quais as razões principais que as levariam a tomarem tal decisão.

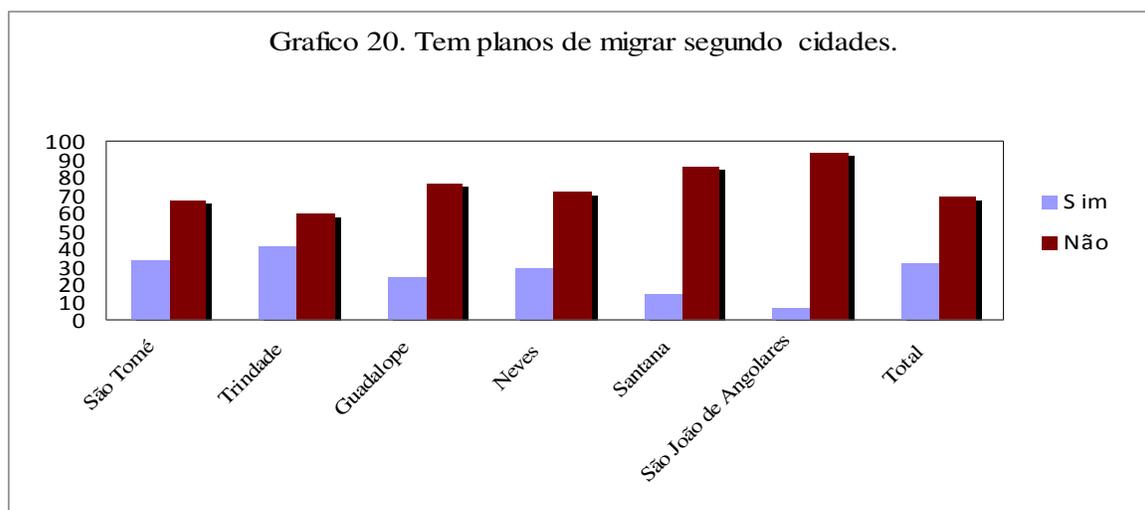
a) Planos de mudança de residência

Questionadas as mulheres migrantes, se têm planos de mudar de residência, até ao final do ano em que foi feita a entrevista (2007), mais de 60% respondeu que não tem planos de mudar. Este facto demonstra que embora as mulheres migrantes estejam a viver em difíceis condições nas cidades, enfrentando problemas de condições de habitação e emprego, elas preferem permanecer nas cidades onde se encontram do que retornar aos lugares de origem, porque para as mesmas a vida na cidade trouxe melhorias significativas nas suas vidas, como explica a Sra. Mónica:

“A minha vida aqui na cidade, apesar das dificuldades, vai bem, embora ainda não tenho casa própria, mas tenho planos de começar a construir no próximo ano. E tenho meu negócio que faço aqui na cidade, sou caixeira-viajante, regularmente viajo à Gabão e trago roupas para vender aqui, e se voltar a São dos Angolares não terei estas oportunidades, porque além de ser distante, o movimento lá é muito fraco para negócio, não ajuda” (São Tomé, 12/01/07).

Por outro lado, há outro grupo de mulheres, representando cerca de 31% que tem planos de mudar de residência até ao final do ano. Alguns dos exemplos o de Chandy, natural da ilha de Príncipe, que migrou para São Tomé para concluir o ensino pré universitário, e neste momento encontra-se na expectativa de migrar para exterior a fim de obter um curso superior.

O inquérito (vide gráfico 20) indica que é na cidade de Trindade onde se apresenta a maior parte de mulheres com plano de sair. Deste total 41.3% das inquiridas, seguindo-se da cidade de São Tomé com 33.1% pretendem sair para um lugar onde possam obter melhores condições incluindo ir ao estrangeiro. É nas duas principais cidades (São Tomé e Trindade) onde o desejo de ir ao exterior é maior uma vez que elas têm contactos com caixeiras-viajantes e com pessoas que vivem no exterior. Por outro lado, as mulheres da cidade de São de Angolares são as que menos têm planos de migrar representando apenas 7.1%.



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (Janeiro, 2007)

b) Porque a mudança de residência?

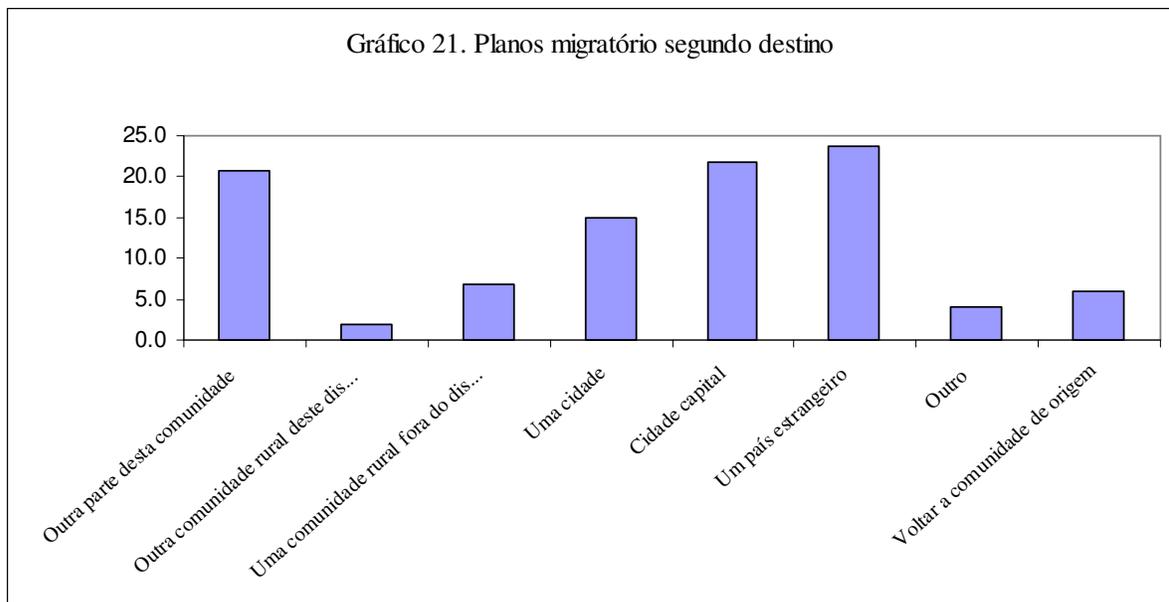
As mulheres que disseram “desejar emigrar” o destino seria para a cidade Grande (São Tomé) porque teriam mais possibilidades de serem *caixeiras-viajantes*¹⁹ principalmente para Gabão, Angola, e Portugal, uma vez que nestes países há possibilidades de compra e venda de mercadorias. De São Tomé elas levam cacau para Angola e em troca trazem deste país roupa e calçado. Á Portugal e Gabão levam “*produtos da terra*” tais como: azeite de palma, fruta-pão, banana-pão, *matabala*²⁰ e peixe salgado ou peixe seco. E em troca de Portugal trazem electrodomésticos, vestuário, produtos industriais, artigos electrónicos. De Gabão trazem produtos electrónicos, colchões, roupa, etc. E por outro lado também encontra-se outro grupo de mulheres que pretende viajar ao exterior a fim de continuar os seus estudos superiores.

Questionadas as mulheres migrantes para onde planeiam mudar até ao final do ano em que foi realizado a entrevista, vários são os destinos apresentados nomeadamente (vide gráfico 20):

- Outra parte desta comunidade;
- Cidade capital;
- Uma cidade;
- Voltar a comunidade de origem;
- Um país estrangeiro;
- Uma comunidade rural fora do distrito.

¹⁹ O equivalente a “mukherista” nome pelo qual as mulheres que fazem negócio transfronteiriço em Moçambique são conhecidas.

²⁰ Tubérculo.



Fonte: Elaborado pela autora com base no trabalho de campo (Janeiro, 2007)

Analisando o gráfico 21 acima, pode-se constatar que o principal destino apresentado pelas mulheres migrantes no seu plano migratório, é a migração para um país estrangeiro, representando cerca de 24%. Seguem-se a migração a cidade capital do país, São Tomé (cerca de 22%), a área de origem e uma outra comunidade rural do distrito, representando apenas cerca de 6% e 2% respectivamente do total das inquiridas.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

O presente estudo baseou-se no modelo de escolha racional das migrantes, isto é em relação ao poder de migrar, em articulação com a dimensão espacial (análise geográfica).

A partir dos dados analisados, foi possível concluir que o fluxo de migração feminina em São Tomé Príncipe, intensificou significativamente nos anos 90, como consequência do impacto do Programa de Reajustamento Estrutural (PRE), da democracia e da liberalização económica, e conduziu a privatização das roças, e com isto a falência e abandono das mesmas devido ao fraco investimento na agricultura, levando as mulheres a procurar novas estratégias de sobrevivência nas cidades passando a dedicar-se ao comércio informal nas cidades onde oferecem melhores oportunidades de comércio.

É nos distritos de Mé-zochi e Caué onde saem mais mulheres, tendo como principal destino a cidade capital, São Tomé. A maior parte destas mulheres que se dirigem as cidades são solteiras. Trata-se de uma migração predominantemente jovem, constituída por mulheres da faixa etária dos 18-24 anos de idade. Em relação a educação, as mulheres com nível secundário e mais, constituem a maioria que migraram para as cidades em busca de melhores condições de vida.

Foi possível constatar que a maior parte das mulheres migrantes de São Tomé e Príncipe tiveram autonomia individual na sua decisão de migrar. Das principais razões por elas indicadas, destaca-se a procura de melhores condições de vida nas cidades, devido ao desequilíbrio de desenvolvimento entre a área rural e a urbana. Essa tomada de decisão para migrar da área rural para a cidade por parte das mulheres, prende-se também, ao facto de elas estarem mais ligadas as actividades comerciais ao contrário dos homens que estão mais ligados a agricultura.

Com efeito, a tomada de decisão para migrar entre as mulheres de São Tomé e Príncipe, é

fortemente influenciada pelas expectativas que elas têm em relação as oportunidades de desenvolver uma actividade comercial nas cidades, principalmente o comércio informal.

Entre outros motivos que “pesam” na sua tomada de decisão para migrar, destacam-se as razões como casamento, reunificação familiar e a continuação de estudos.

Os resultados deste estudo confirmam a tese de que, actualmente, as mulheres migram mais de uma forma autónoma e pelas mesmas razões que os homens em busca de melhores condições de vida.

Por outro lado, os resultados deste estudo não revelam uma associação significativa entre o padrão dos fluxos migratórios e a vizinhança das cidades. Este facto evidencia-se, por exemplo, em relação as cidade de São dos Angolares e Santana. A relação entre estas duas cidades vizinhas não implica, necessariamente uma troca de fluxo migratório intensa entre si. Da cidade de São dos Angolares, emigram muitas mulheres para Santana, porém, a maior parte tem como destino a cidade de São Tomé.

De facto, a cidade capital exerce uma grande influência sobre o padrão do fluxo de migração feminina em São Tomé e Príncipe, evidenciando o acentuado desequilíbrio de desenvolvimento existente entre São Tomé e as restantes áreas geográficas do país.

Embora a migração seja uma importante estratégia de sobrevivência e de combate a pobreza para as mulheres de São Tomé e Príncipe, constata-se que nos lugares de destino, uma parte significativa das mulheres migrantes vive em péssimas condições de habitação, tem acesso limitado aos serviços sociais básicos, e pratica actividades relacionadas com o comércio informal de pequena escala e o pouco dinheiro que conseguem ganhar, serve apenas para a sobrevivência no dia-a-dia, pois pouco ou quase nada conseguem poupar. A maior parte delas anseia viajar para países vizinhos como Gabão e Angola, e devido aos laços históricos e expectativa de obter e ampliar um negócio próprio por forma a ter uma vida melhor e uma casa própria anseiam viajar para Portugal.

BIBLIOGRAFIA

ADEJOPU, A. (2004). *Changing Configuration of Migration in Africa*. Migration. Information source. Migration policy institute. Disponível em <http://www.migrationinformation.org/advisory>. acessado em 07/05/07

ADEJOPU, A. (2002). *Fostering Free Movement of Person in West Africa: achievements, pitfalls and prospects for intra-regional migration*. In International migration-micro Disponível em. <http://www.blackwell-synergy.com/doi/abs>. acessado em 08/05/07

ADEPOJU, A. (1991). "South-North Migration: The African Experience". In: Ninth IOM Seminar on Migration: *south-north migration*. Vol. XXIX. Geneva: IOM

ADEPOJU, A. (1991). *Introduction to Population Studies*. New York: UNFPA

ARAÚJO, Manuel G. M. (2005) Cidade de Maputo e Matola: espaços multifacetado. Maputo: CEP/UEM.

ARAÚJO, Manuel G. M. (1999). "Cidade de Maputo – Espaços Contrastantes: Do Urbano ao Rural". In *Revista Finiserra*, XXXIV (67-68). Lisboa. pp. 175-190.

ARAÚJO, Manuel G. M. (2003). "Os Espaços Urbanos em Moçambique". In *GEOUSP Espaço e Tempo*. n° 14. São Paulo. pp. 165-182

ARAÚJO, Manuel. G. M. e RAIMUNDO, Inês M. (2003). "Towards a Sustainable waste Urban Management: The Maputo City Council and Its Urban Dwellers". In *Sustainable Planning & Development*. Southampton. WITpress. pp. 955-962.

ARAÚJO, Manuel G. M. (2002). "Ruralidades-Urbanidades em Moçambique. Conceitos ou Preconceitos". In *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*. Porto. I Série. Vol XVII/XVIII. pp. 5-11

ARAÚJO, Manuel G. M. (1997). *Geografia dos Povoamentos. Assentamentos Humanos Rurais e Urbanos*. Maputo. Livraria Universitária.

ARAÚJO, Manuel G. M. (1990). "Migrações Internas e o Processo de Urbanização". In Série População e Desenvolvimento Documento N°2. *Dinâmica Demográfica e Processo Económicos, Sociais e Culturais*. Maputo: Comissão Nacional do Plano Direcção Nacional de Estatística.

ARAÚJO, Ana Rosa (2001). *Manual de demografia para estudantes de medicina*. Maputo: CEP/DSC/UEM.

BASTOS, Lília da R. et all. (1995) *Manual para a elaboração de projectos e relatório de pesquisa, tese dissertações e monografias*. Rio de Janeiro: LTC

BEIRÃO, Fátima (1995). “ O Papel da Mulher na administração pública São-tomense”. In *Revista de Administração Pública* No 5. Maputo: MAE

BILALE C. C. (2007) *A Mulher Migrante na Cidade de Maputo: a migração feminina interna, causas e consequências socioeconómicas e demográficas*. Tese de Mestrado. Maputo: Centro de Estudos de População da Faculdade de Letras e Ciências Sórias da Universidade Eduardo Mondlane,

BRYDON, L.e CHANT, S. (1989) *Women in the third World. Gender issues in rural and urban areas*. England: EDWARD ELGAR.

CEITA, Dinasalda S. (2006). *São Tomé e Príncipe: Distribuição territorial e mobilidade da população feminina*. Maputo: CEP, UEM.

DE HAAN, A. (2000). *Migrants, Livelihoods, and Rights - the relevance of migration in development policies*. Social development working paper No 4. Social Development Department. Disponível em www.dfid.gov.uk/pubs/files/sddwp.pdf

DODSON, B. (2000). *Women on the Move: gender and cross-border migration to South Africa*. Southern African Migration Project. Migration policy series No. 9. Disponível em <http://www.queensu.ca/samp/sampresources/samppublications/policyseries/policy9.htm>

DERREAU, Max, (1977). *Geografia humana*. 1º volume. 3ª edição. Lisboa: Editorial Presença.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA. (1996). *II Recenseamento geral da população e da habitação de 1991*. São Tomé: INE.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA. (2002). *III Recenseamento geral da população e da habitação de 2001*. São Tomé: INE

INTERNATIONAL LABOUR ORGANISATION (1989) *African Employment 1988*. Addis Ababa: JobsandSkillsPorgramme for Africa. ILO

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (2005) *Internal migration and development: A global perspective*. IOM

ISIUGO-ABANIHE, Uche and NGWE, Emmanuel (2004) *Population and Poverty in Africa*. Dakar: UAPS & UEPA.

GALLET, Dominique (2001). *São Tomé et Príncipe, Les iles de miliu du mondeu*. Paris: KARTHALA.

GERADI, Lúcia Helena de Oliveira & SILVA, Barbara (1991) *Quantificação em Geografia*. SP.

GUGLER, J. (1969). “The Theory of Rural-urban Migration” in JACKSON, J. (ed.)

Migration. Cambridge university press. New York. pp.134-155

JACKSON, J. (1969). *Migration*. New York: Cambridge University.

LANDAU, Loren (2005). Migration Urbanization and Sustainable Livelihoods in South Africa. In Southern Africa Migration Project *Migration Police Brief* No 15. Disponível no <http://www.queensu.ca/samp/sampresources/samppublications/policybriefs/brief15.pdf> acessado em 07/05/07

LAKATOS, E.M. e MARCONI, M.. (2001) .*Técnicas de pesquisa*. SP: ATLAS

LEE, E. S. (1969). “A Theory of Migration” in JACKSON, J. (ed.) *Migration*. New York: Cambridge university. pp. 282-297.

MARTIN, Phili; MARTIN, Susan, and WEIL, Patrick (2006), *Managing Migration: The Promisse of Cooperation*. UK: Lexington Books

MINISTÉRIO DE PALNEO E FINANÇAS (2004). *Diagnóstico da situação da população e género em São Tomé e Príncipe*. São Tomé: MPF

MINISTÉRIO DE PALNEO E FINANÇAS (2002). *Estratégia Nacional da Redução da Pobreza*: MPF

NASCIMENTO, Augusto (2000). “Mulheres e Ordenamento Social nas Roças em S. Tomé e Príncipe. Notas Exploratórias Sobre o Caso das Cabo-verdianas”. Disponível no <http://www.desafio.ufba.br/gt3-007.html> / acessado em 08/04/07.

NEUMAN, W. (1999). *Social Research Methods: qualitative and quantitative approaches*. 4th Edition. Allyn & Bacon. United States of America. St. Martin’s Press, New York:INC.

OBERRAI, A. S. (1987). *Migration, Urbanization and Development*. World Employment Program. Background papers for training in population human resources and development planning. Paper No 5.Geneva: International Labour Office.

OMINDE, S.H. and EJIOGU, G. N. (1972) *Population Growth and Economic Development in Africa*. New Yourk: HEB

OUCHO, J. O. (1996) *Migrations and Rural Development Kenya*. Nairobi: University Press

PATTON, M. Q. (1987). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. Newbury Park, CA: SAGE INC.

PÉREZ, Lucero (2005). “Las problemas de migration desde la perpectiva de género”In *I Foro Internacional de Mujeres Parlamentarias*. Mexico. Disponível no <http://www.feminamericas.org/ES/tematicas/ALLOC-Migrations-LSalda%F1a-Rio-e.pdf> acessado em 29/11/06

RAIMUNDO, I. M. (2006). *Gender Empowerment in Mozambique: a fiction move?* unpublished paper submitted to CODESRIA, Dakar.

SIDDIQUE, M. A. (2004). “Women in Migration and Development: Review and analysis”. United Nations for the Advancement of Women. Malmö, Sweden. Disponível no <http://www.un.org/womenwatch/daw/meetings/consult/CM-Dec03-EP10.pdf> acessado em 14/05/07

ROWLAND, Donald (2003). *Demographic Demographic Methods and Concepts*. Editora Oxford University Press., New york

TENREIRO, Francisco (s/d) *Descrição da Ilha de S. Tomé no Século XVI*

TODARO, M. P. (1997). *Urbanization, Unemployment and Migration in Africa: theory and policy*. No 104. Disponível no www.econ.hku.hk/~baic/Teaching/ch08.pdf. acessado em 14/05/07

TODARO, Michael. P. e STILKING, Jerry.(1981) *City Bias and Rural Neglect: Dilema of urban development*. Population council

UNFPA (2006). *State of World Population 2006*. Women and International Migration: UNFPA

UNICEF (2000). *Inquérito sobre os Indicadores Múltiplos em São Tomé e Príncipe*. São Tomé: UNICEF.

UNITED NATIONS (1993). *Internal Migration of Women in Developing Countries*. Department for economic and social information and policy analysis. Proceedings of the United Nations expert meeting on feminization of internal migration, Aguascalientes, México, 22-25 October 1991. Disponível no <http://www.unfpa.org/6billion/populationissues/demographia> acessado em 16/05/07

WATERHOUSE, Rachel e VIJFHUIZEN, Carin (2001). *Estratégias das Mulheres, Proveito dos Homens: Género, Terra e Recursos Naturais em Diferentes Contextos Rurais em Moçambique*. Maputo: NET, FAEF, UEM e ACTIONAID.

ZELINSKY, Wilbur. (1969). *Introdução a Geografia da População*. Rio de Janeiro: Zahar.

ANEXOS

Anexo 1

Tabela 1. Relação entre a cidade onde é feita a entrevista e distrito onde nasceu

Cidade onde é feita a entrevista * Distrito onde nasceu Crosstabulation

			Distrito onde nasceu							Total
			Aguá Grande	Mé-zochi	Lobata	Lembá	Cantagalo	Caué	R.A.Príncipe	
Cidade onde é feita a entrevista	São Tomé	Count	0	47	20	24	18	38	7	154
		% within Cidade onde é feita a entrevista	.0%	30.5%	13.0%	15.6%	11.7%	24.7%	4.5%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	.0%	43.1%	35.1%	41.4%	36.0%	55.1%	58.3%	40.3%
		% of Total	.0%	12.3%	5.2%	6.3%	4.7%	9.9%	1.8%	40.3%
	Trindade	Count	9	42	17	9	13	8	4	102
		% within Cidade onde é feita a entrevista	8.8%	41.2%	16.7%	8.8%	12.7%	7.8%	3.9%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	33.3%	38.5%	29.8%	15.5%	26.0%	11.6%	33.3%	26.7%
		% of Total	2.4%	11.0%	4.5%	2.4%	3.4%	2.1%	1.0%	26.7%
	Guadalupe	Count	7	6	10	10	3	7	0	43
		% within Cidade onde é feita a entrevista	16.3%	14.0%	23.3%	23.3%	7.0%	16.3%	.0%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	25.9%	5.5%	17.5%	17.2%	6.0%	10.1%	.0%	11.3%
		% of Total	1.8%	1.6%	2.6%	2.6%	.8%	1.8%	.0%	11.3%
	Neves	Count	8	4	5	11	1	0	1	30
		% within Cidade onde é feita a entrevista	26.7%	13.3%	16.7%	36.7%	3.3%	.0%	3.3%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	29.6%	3.7%	8.8%	19.0%	2.0%	.0%	8.3%	7.9%
		% of Total	2.1%	1.0%	1.3%	2.9%	.3%	.0%	.3%	7.9%
	Santana	Count	3	8	5	3	12	7	0	38
		% within Cidade onde é feita a entrevista	7.9%	21.1%	13.2%	7.9%	31.6%	18.4%	.0%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	11.1%	7.3%	8.8%	5.2%	24.0%	10.1%	.0%	9.9%
		% of Total	.8%	2.1%	1.3%	.8%	3.1%	1.8%	.0%	9.9%
	São João de Angolare	Count	0	2	0	1	3	9	0	15
		% within Cidade onde é feita a entrevista	.0%	13.3%	.0%	6.7%	20.0%	60.0%	.0%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	.0%	1.8%	.0%	1.7%	6.0%	13.0%	.0%	3.9%
		% of Total	.0%	.5%	.0%	.3%	.8%	2.4%	.0%	3.9%
Total		Count	27	109	57	58	50	69	12	382
		% within Cidade onde é feita a entrevista	7.1%	28.5%	14.9%	15.2%	13.1%	18.1%	3.1%	100.0%
		% within Distrito onde nasceu	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%
		% of Total	7.1%	28.5%	14.9%	15.2%	13.1%	18.1%	3.1%	100.0%